

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – HAB. PUBLICIDADE E PROPAGANDA

CAMILA MEYER TAVARES

A REPRESENTAÇÃO DA CULTURA BRASILEIRA EM IRMÃO DO JOREL

PORTO ALEGRE

2023

Camila Meyer Tavares

A representação da cultura brasileira em Irmão do Jorel

Trabalho de conclusão de curso como requisito parcial à obtenção do título de Bacharela em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
Orientadora: Dra. Adriana Coelho Borges Kowarick

Porto Alegre

2023

FICHA CATALOGRÁFICA



FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
GERÊNCIA ADMINISTRATIVA
SETOR ACADÊMICO

**REGISTRO DA ATIVIDADE JUNTO À COMGRAD
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – TCC – AUTORIZAÇÃO 2023/2**

Autorizo o encaminhamento do TCC, elaborado sob a minha orientação, para avaliação e defesa pública.

Autora:

Camila Meyer Tavares

Título do trabalho:

A representação da cultura brasileira na animação Irmão do Jorel

Porto Alegre, 18 de agosto de 2023.

Orientadora: Dra. Adriana Coelho Borges Kowarick

Assinatura:

FOLHA DE APROVAÇÃO

Camila Meyer Tavares

A representação da cultura brasileira em Irmão do Jorel

Trabalho de conclusão de curso como requisito parcial à obtenção do título de Bacharela em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
Orientadora: Dra. Adriana Coelho Borges Kowarick.

Porto Alegre**2023**

BANCA EXAMINADORA:

Dra. Adriana Coelho Borges Kowarick
UFRGS

Dr. Eduardo Zilles Borba
UFRGS

Dra. Helenice Carvalho
UFRGS

RESUMO

Tradicionalmente tomado por produções estrangeiras, o setor de animação audiovisual brasileiro teve um *boom* na última década com o aumento das produções nacionais. Neste cenário foram lançadas animações criadas e produzidas no país, dentre elas Irmão do Jorel.

A série exibida pelo *Cartoon Network* é um dos grandes sucessos do canal atualmente, narra o dia-a-dia de uma típica família suburbana do final do século XX, trazendo à luz personagens e situações comuns do cotidiano brasileiro. No presente trabalho é analisado o seriado Irmão do Jorel, desde aspectos de sua criação e sucesso entre o público, até a caracterização dos personagens e cenários representados na animação. Partindo do interesse pelo desenho e das situações retratadas nos episódios, são analisados alguns episódios do desenho animado sob a ótica da Cultura e Identidade Nacional, através dos estudos culturais de Stuart Hall, e contando com as contribuições de Marilena Chauí e Sérgio Buarque de Holanda para definir a Identidade Nacional Brasileira. Buscou-se identificar, com o auxílio da análise documental e análise audiovisual, os elementos típicos da cultura brasileira entre as décadas de 1980 e 1990 presentes nos episódios selecionados. Na análise foi identificado elementos característicos da cultura brasileira por meio de comemorações de datas festivas, construção dos personagens e principalmente referências à cultura popular brasileira como costumes e produtos culturais consumidos pela população em determinado período.

Palavras-chave: Cultura; Identidade Nacional; Animação; Irmão do Jorel.

ABSTRACT

Traditionally dominated by foreign productions, the Brazilian audiovisual animation sector experienced a boom in the last decade with the increase in domestic productions. In this scenario, animations created and produced in the country were launched, including Jorel's Brother. The series aired on Cartoon Network is one of the channel's great current successes. It portrays the daily life of a typical suburban family from the late 20th century, shedding light on characters and common situations in Brazilian daily life. This present work analyzes the series "Irmão do Jorel," from aspects of its creation and success among the audience to the characterization of the characters and settings represented in the animation. Starting from an interest in the animation and the situations portrayed in the episodes, some episodes of the animated series are analyzed from the perspective of Culture and National Identity, through the cultural studies of Stuart Hall, and with the contributions of Marilena Chauí and Sérgio Buarque de Holanda to define Brazilian National Identity. Using documentary analysis and audiovisual analysis, the goal was to identify typical elements of Brazilian culture between the 1980s and 1990s present in the selected episodes. The analysis identified characteristic elements of Brazilian culture through celebrations of festive dates, character development, and, especially, references to Brazilian popular culture such as customs and cultural products consumed by the population during a specific period.

Keywords: Culture; National Identity; Animation; Jorel's Brother.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 ANIMAÇÃO NACIONAL.....	12
2.1 BREVE HISTÓRIA ANIMAÇÃO NACIONAL.....	12
3 IRMÃO DO JOREL.....	19
3.1 CRIAÇÃO DO SERIADO.....	19
3.2 DESCRIÇÃO DA HISTÓRIA DO DESENHO ANIMADO.....	21
3.3 PERSONAGENS PRINCIPAIS.....	24
3.4 PERSONAGENS RECORRENTES E SECUNDÁRIOS.....	31
4 CULTURA E IDENTIDADE NACIONAL.....	40
4.1 DEFINIÇÃO DE CULTURA.....	40
4.2 IDENTIDADE NACIONAL.....	42
4.3 IDENTIDADE NACIONAL BRASILEIRA.....	44
5 METODOLOGIA.....	48
6 ANÁLISE DOS EPISÓDIOS.....	50
6.1 ANÁLISE EPISÓDIO “MEU SEGUNDO AMOR”.....	50
6.2 ANÁLISE EPISÓDIO “ENTÃO É NATAL”.....	61
6.3 ANÁLISE EPISÓDIO “EM BUSCA DA LIBERDADE”.....	67
6.4 ANÁLISE GERAL.....	75
7 CONCLUSÃO.....	77

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Frame O Kaiser.....	14
Figura 2: Elefante Jotalhão sendo puxado por Mônica.....	17
Figura 3: Desenhos iniciais de Juliano Enrico para Irmão do Jorel.....	21
Figura 4: Família completa de IJ.....	23
Figura 5: televisão da família com o selo do INMETRO de consumo de energia.....	24
Figura 6: Personagem Irmão do Jorel acenando.....	26
Figura 7: Lara andando de bicicleta com IJ no compartimento do carona.....	26
Figura 8: Jorel, o menino mais bonito da escola.....	27
Figura 9: Banda Cueca em Chamas.....	28
Figura 10: Seu Edson com gestos dramáticos.....	29
Figura 11: Danuza se movimentando com movimentos fluidos.....	30
Figura 12: Gigi sentada na poltrona da sala de estar da família.....	31
Figura 13: Vovó Juju caracterizada de Mc Juju	32
Figura 14: Roberto Perdigoto.....	33
Figura 15: Steve Magal em cena de ação em cima de um jet ski.....	33
Figura 16: Ana Catarina com a pinta na perna.....	34
Figura 17: Samantha, descrita como a menina mais forte da sala de aula de IJ.....	35
Figura 18: William Shostnners.....	35
Figura 19: Billy Doidão, a personagem tem um visual rebelde.....	36
Figura 20: Professora Adelaide.....	37
Figura 21: Diretora Lola.....	37
Figura 22: Policial Rambozo.....	38
Figura 23: Seu Adelino no balcão do mercadinho.....	39
Figura 24: Wonderlay caracterizado como zelador da escola.....	40
Figura 25: Área externa da escola decorada com bandeirolas.....	51
Figura 26: Pablito grita por ajuda.....	51
Figura 27: Bando da Samantha caracterizado.....	52
Figura 28: Jorel na barraca do beijo.....	52
Figura 29: Coco Mágico explicando sobre a quadrilha da Festa Junina.....	53
Figura 30: Anel Roxo do Destino.....	54
Figura 31: IJ e Lara brincando de acertar a boca do palhaço.....	54
Figura 32: Show da banda Cueca em Chamas.....	55
Figura 33: Steve Magal trocando o Anel Verde Abacate do Destino com IJ.....	55
Figura 34: Samantha tenta pegar os anéis do Destino de IJ.....	56
Figura 35: IJ oferece o Anel Roxo do Destino a Ana Catarina.....	57
Figura 36: Ana Catarina e IJ no altar.....	57
Figura 37: Lara e IJ se encontram no final do episódio.....	58
Figura 39: Imagem final do episódio.....	60
Figura 40: IJ coloca a estrela na árvore da família.....	61
Figura 41: Roberto Perdigoto cantando no especial de Natal da TV.....	61
Figura 42: IJ separanda as passas da comida.....	62

Figura 43: IJ implorando para abrir os presentes de Natal.....	62
Figura 44: Valtinho chega na casa da irmã.....	63
Figura 45: Os irmãos dão os presentes recebidos ao caçula.....	64
Figura 46: Tio Valtinho dorme no sofá.....	65
Figura 47: IJ no skate voador.....	65
Figura 48: IJ no parquinho com as demais crianças.....	66
Figura 49: Tio Valtinho fugindo no skate voador.....	67
Figura 50: Lara e Ij conversando deitados na calçada.....	69
Figura 51: IJ entrando no fusca com as avós.....	70
Figura 52: Rambozo observando o trio na viatura.....	70
Figura 53: IJ aparece comprando Sprok Maçã com uma nota de cinquenta reais.....	71
Figura 54: IJ recebendo alegremente o troco em balas vermelhas.....	71
Figura 55: Gigi observa a perseguição pelo retrovisor.....	72
Figura 56: Vovó Juju colocando lenço em IJ.....	72
Figura 57: Edson esperando ao lado do telefone público.....	73
Figura 58: Wonderlay trabalhando no posto de gasolina.....	74
Figura 59: Wonderlay sendo rendido por Vovó Juju.....	74
Figura 60: Os três personagens chegando no atacarejo.....	75
Figura 61: Viatura de Rambozo no precipício.....	75
Figura 62: Vista externa da escola Pônei Encantado.....	77
Figura 63: Edson com figurino de show.....	78
Figura 63: Perdigoto apresentando programa televisivo Terapia de Família.....	78

1 INTRODUÇÃO

Desde pequena sempre gostei dos desenhos animados. Minha infância foi marcada por momentos em que acordava cedo com minha irmã para não perder os desenhos da TV Globinho. As produções infantis nacionais como Sítio do Pica-Pau Amarelo e Turma da Mônica eram meus programas favoritos, junto com os desenhos que envolviam momentos da História ou mitologia como Hércules, A Espada era a Lei e A Nova Onda do Imperador, estes últimos da Disney.

Passei muitas manhãs estirada no sofá assistindo a programação infantil da Globo e SBT como várias crianças dos anos 2000. Apesar de gostar muito de desenhos, em alguns momentos não me identificava com o que era retratado ali. Muitas das situações retratadas eram distantes do meu dia a dia, afinal meu café da manhã era uma torrada e café com leite, e não bacon e ovos como representados nas animações americanas que inundaram a grade da programação.

Conheci Irmão do Jorel no início dos meus estudos de graduação em Publicidade e Propaganda, quando ainda estudava na UEMG no ano de 2016, através de amigos da faculdade. O interesse pelo desenho me acompanhou quando me mudei para Porto Alegre para cursar o mesmo curso na UFRGS e desde então faz parte das minhas horas de distração entre trabalho e estudos.

Após os primeiros episódios de risadas compulsivas devido a grande identificação que senti com os elementos de minha infância retratados na série, terminei a primeira temporada em poucos dias. E passei a acompanhar os episódios da série e também as comunidades de fãs com conteúdo sobre a animação nas redes sociais.

Dessa forma, o interesse pelo objeto de pesquisa começou primeiramente pelo meu interesse em desenhos animados, sobretudo aqueles que dialogam com outros textos. Já a análise dos episódios sob a ótica da cultura e identidade nacional brasileira se deu pelo interesse em identificar elementos da cultura brasileira presentes na animação. O objetivo é entender mais como o Brasil é representado no seriado animado de maior sucesso da atualidade.

Sempre tive um apreço especial pelos desenhos animados que continham fatos históricos, e que retratam de maneira lúdica os momentos da Cultura e História. Me interessava pela forma que esses aspectos são abordados e retratados na narrativa.

Considerando a justificativa social, o presente trabalho mostra-se importante uma vez que ajuda a divulgar e valorizar um produto cultural nacional, possibilitando que mais pessoas conheçam a animação aqui analisada. Além disso, é preciso ressaltar o ganho que todo o setor de animação e a cadeia produtiva que ganha com o aumento das produções nacionais. Por fim, a justificativa epistemológica se dá pelos poucos materiais na área de Comunicação Social encontrados durante a pesquisa deste trabalho, sendo relevante uma análise mais aprofundada do tema na área.

Foram utilizadas as ferramentas de pesquisa de teses e dissertações do Portal Intercom, Lume-UFRGS, CAPES e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações entre os dias 11 de Fevereiro e 30 de Maio. Foram utilizadas para pesquisa as palavras-chaves: “cultura”, “desenho animado”, “Irmão do Jorel”, “brasilidade” e “infância”.

Durante os períodos de pesquisa, foram encontradas cerca de 12 TCCs, teses, dissertações e artigos nos repositórios pesquisados, dentre essas se assemelham melhor ao tema proposto dois trabalhos analisados. O primeiro é um trabalho de conclusão de curso de Publicidade e Propaganda da UFRGS do ano de 2018 intitulado “Irmão do Jorel como expressão do imaginário” de autoria de Théa Perreia da Cruz que é da mesma área acadêmica do presente trabalho.

O artigo “Representação da identidade brasileira através do desenho animado Irmão do Jorel” em que Cardoso e Matos (2019) se aproxima bastante ao tema que busca-se pesquisar no presente projeto, pois aborda justamente a representação de identidades culturais brasileiras na animação Irmão do Jorel. O artigo faz parte do trabalho de conclusão do curso de História mas pode ser considerado uma vez que aborda o objeto que o presente projeto busca analisar.

Para isso, o presente trabalho está dividido em seis capítulos. Primeiro, retomo brevemente a história da animação brasileira em paralelo com o que as produções no mundo, até o lançamento de Irmão do Jorel: objeto deste trabalho.

No capítulo subsequente, capítulo três, será realizada sinopse geral da animação, bem como aspectos da sua criação e marcos importantes. Ainda neste capítulo, será feita a descrição dos personagens principais e recorrentes do seriado.

As definições teóricas para Cultura, Identidade Nacional e Identidade Brasileira serão trabalhadas ao longo do capítulo quatro, que está dividido em três subcapítulos. No capítulo

cinco está organizada a metodologia utilizada para a realização deste trabalho. Com indicação dos métodos utilizados durante a análise dos episódios.

Por fim, o capítulo seis tratará da análise dos episódios de Irmão do Jorel. Para que seja possível realizar a análise, serão utilizadas as definições de Cultura, Identidade Nacional e Identidade Brasileira trabalhadas ao longo do capítulo quatro.

2 ANIMAÇÃO NACIONAL

Este capítulo traz um panorama geral da animação brasileira, sua história e principais marcos nesses pouco mais de cem anos de história. O objetivo é reconstruir brevemente o caminho trilhado pela animação nacional até desembocar nas produções atuais, sobretudo Irmão do Jorel, objeto deste trabalho.

Apresenta-se um comparativo entre a animação nacional e as produções mundiais em ordem cronológica dos eventos.

Ainda neste capítulo será descrita a animação Irmão do Jorel, alguns pontos importantes sobre sua criação e sucesso entre o público. Será feito também a descrição dos personagens principais e ambientação dos cenários e como valores e elementos da cultura brasileira são inseridos no seriado.

2.1 BREVE HISTÓRIA ANIMAÇÃO NACIONAL

A animação mundial tem seu marco inicial no ano de 1908 com o curta-metragem¹ francês Fantasmagorie. A película do cartunista Émile Cohl é considerada o primeiro filme animado do mundo (Novaes, 2021), a animação de quase dois minutos tem como personagem principal um boneco de palitinhos interagindo com outros personagens e objetos. O Brasil não ficou muito atrás, levou menos de uma década para a primeira animação nacional chegar ao público no ano de 1917. O curta-metragem O Kaiser estreou no Cine Pathé na cidade do Rio de Janeiro (Buccini, 2017).

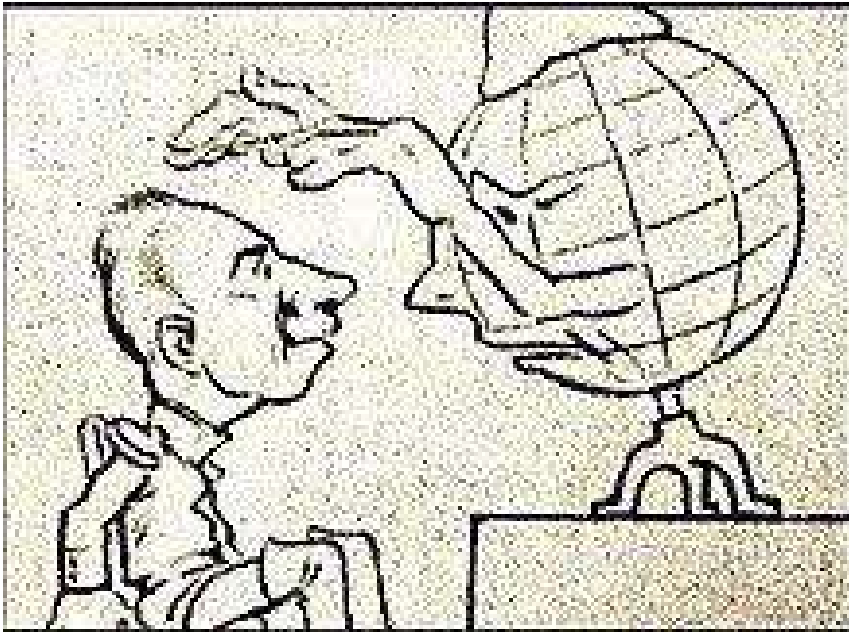
Tido como a primeira animação nacional, o filme do cartunista Álvaro Martin, conhecido pelo pseudônimo Seth, retrata o Imperador Guilherme II da Alemanha, encarando o globo terrestre que em determinado momento se expande e engole o monarca. O curta é lançado no contexto da Primeira Guerra Mundial, e pelos registros dos jornais da época, a animação é uma crítica ao imperador megalomaniaco, considerado um dos personagens centrais para a eclosão do conflito. Como observou Arnaldo Galvão, (Calvet, 2013) percebe-se desde o início um importante cunho de crítica política através do humor e sátira nas animações nacionais.

¹ Curtas-metragens são filmes de até quarenta minutos considerando os créditos. Já os longas-metragens são filmes com duração maior, acima de 70 minutos.

A filmagem original d'O Kaiser² perdeu-se no tempo restando apenas um quadro do curta original (Figura 1) além de algumas notícias dos jornais da época sobre a exibição do filme. O único *frame* da animação foi utilizado para recriação da obra, em uma homenagem ao centenário da animação nacional para o filme Luz Anima Ação de 2013, direção de Eduardo Calvet. O filme em formato de documentário teve participação de oito animadores convidados que recriaram o curta com técnicas de animação distintas. No decorrer do filme é constituída a história da animação brasileira, principais conquistas e dificuldades enfrentadas, e também os principais animadores nacionais.

Abaixo o frame recuperado d'O Kaiser utilizado para a recriação para o filme Luz, Anima, Ação (2013), figura 1.

Figura 1: Frame O Kaiser.



Fonte: cena do filme Luz, Anima Ação (Calvet, 2013)

Embora tenha alguns marcos temporais muito parecidos com as produções mundiais mais relevantes, a animação nacional sofreu com a falta de incentivo, custo de produção e distribuição dos filmes, e principalmente a baixa remuneração para os profissionais. Muitas vezes os cartunistas e animadores precisavam trabalhar sozinhos na criação e distribuição dos filmes, pois não tinham incentivo do governo nem apoio da iniciativa privada. Ao longo deste capítulo, será abordado o esforço heróico que muitos animadores fizeram para colocar suas produções no ar.

² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7NN6TPtL9Zw&t=22s>. Acesso em: 26 jul. 2023.

Nos anos seguintes após a estreia d'O Kaiser (1917) o Brasil seguiu produzindo animações mesmo que de maneira tímida. Foram feitas animações essencialmente no formato de curtas-metragens e filmes publicitários — principal renda dos profissionais da animação por muito tempo, como é retratado no documentário (Calvet, 2013). Ainda no ano de 1917 foi lançado o curta Traquinices de Chiquinho e seu inseparável amigo Jagunço e no ano seguinte Billi e Bolle. A primeira animação é inspirada nos quadrinhos da Revista Tico-Tico e teve uma maior aceitação do público por tratar de temas tipicamente brasileiros, já a segunda foi inspirada nos personagens de quadrinhos americano *Mutt and Jeff*. Assim como O Kaiser, as cópias das duas animações foram perdidas, e ao contrário deste não há reconstituições dessas obras.

As produções espaçadas foram uma característica da animação brasileira, após o lançamento de Billi e Bolle passaram-se onze anos até que uma produção nacional fosse feita, em 1929. Macaco feio, macaco bonito de autoria dos cartunistas Luiz Seel e João Stamato é a animação nacional mais antiga com cópia preservada. Luiz Seel também produziu o curta Frivolité no ano de 1930, a película ficou perdida por mais de setenta anos e foi uma das obras recuperadas em prol do centenário da animação. A restauração foi feita em 2013 e a reestreado para o público no ano seguinte.(Calvet, 2013)

No final da década de 1930, o consagrado cartunista Luiz Sá produz o curta As Aventuras de Virgulino (1939). O animador tentou exibir o filme para o Walt Disney em visita ao Brasil em 1941, mas foi impedido pelo Departamento de Imprensa e Propaganda do Estado Novo. Como narrado no Luz Anima Ação, a justificativa para a negativa seria a falta de qualidade da animação para apresentar ao Disney. O episódio acabou sendo decisivo para que Luiz Sá descreditasse da animação e parasse de produzir.

Somente após quase quarenta anos do primeiro curta, foi lançado o primeiro longa-metragem de animação em 1953, Sinfonia Amazônica de Anélio Lattini Filho. O longa em preto e branco levou seis anos para ser produzido, foi desenhado todo pelo cartunista com mais de quinhentos mil desenhos. O filme tem como personagem principal a criança indígena Curumi e seu companheiro Boto, e retrata sete lendas da região amazônica.

O filme foi um estrondoso sucesso, levando uma pequena multidão aos cinemas da época, a animação ganhou também Menção Honrosa do Prêmio Saci de 1953. (Calvet, 2013) Mas o reconhecimento do público não foi suficiente para que o cartunista tivesse retorno financeiro, tendo problemas com os pagamentos feitos pela distribuidora do filme, conforme relatou sua sobrinha para Calvet (2013). Tal fato fez Lattini desistir da animação e se dedicasse à pintura de quadros e filmes publicitários.

Assim como Lattini, muitos animadores e cartunistas brasileiros precisaram recorrer à publicidade como forma de subsistência. Como observado por Novaes 2021, foram filmes publicitários como os homenzinhos azuis da *Johnson 's*, os comerciais da companhia aérea *Varig* e a memorável peça publicitária com a trilha sonora *Aquarela da Faber Castell*, os responsáveis por manterem viva a animação no Brasil por muito tempo.

Nas próximas décadas os filmes animados continuaram espaçados, em 1971 foi lançado *Presente de Natal*, segundo longa nacional e o primeiro feito em cores, o longa-metragem *Piconzé* (1972) de Ypê Nakashima, e o curta-metragem *Meow* (1981) de Marcos Magalhães. Este último é considerado um dos filmes mais importantes da filmografia nacional, chegando a ganhar o Prêmio Especial do Júri do Festival em Cannes no mesmo ano. (CALVET, 2013)

Entre as décadas de 1970 e 1980 tiveram alguns avanços em termos técnicos das produções nacionais a partir da parceria firmada com o Canadá para a transferência de tecnologia. Numa tentativa de impulsionar a animação nacional foi criado o Centro Técnico Audiovisual (CTAv) com cursos para aperfeiçoamento e capacitação dos profissionais brasileiros. Com isso, surgiu três importantes polos de produção de animação em Porto Alegre, Fortaleza e Belo Horizonte, o objetivo era fomentar a produção nacional fora do eixo Rio-São Paulo

É também da década de 80 o maior expoente da animação brasileira: Maurício de Souza. Responsável por grande parte das produções de animação entre as décadas de 1980 e 2000, o cartunista e seu estúdio foi por muito tempo o responsável por empregar profissionais do setor no Brasil e manter a animação no país em atividade.

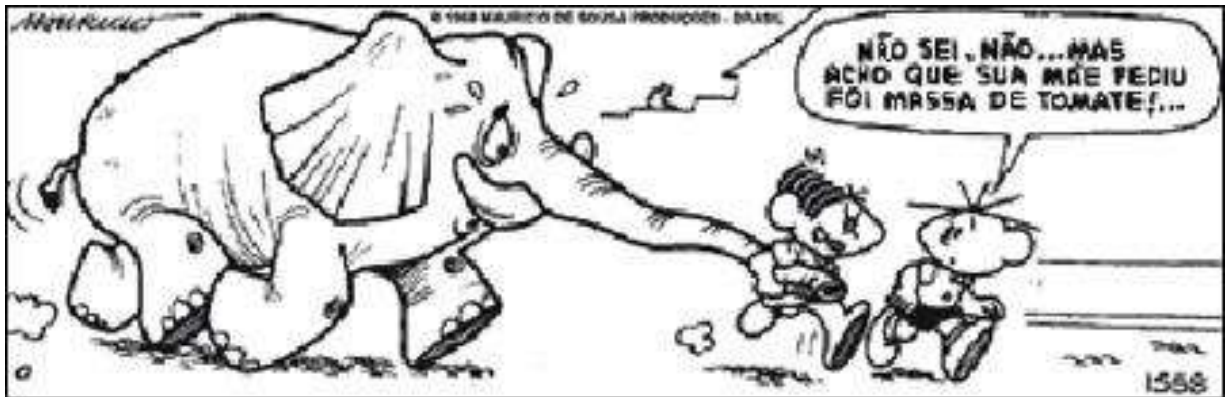
O cartunista já consagrado pelos quadrinhos da Turma da Mônica na década de 1950³, começou na animação produzindo peças publicitárias animadas para a televisão (BATISTOTI, 2018). Foi nas peças publicitárias do molho de tomate Elefante que a Mônica e sua turminha estrearam nos lares brasileiros na década de 1960, antes mesmo da estreia do longa em 1982.

Abaixo imagem do personagem elefante Jotalhão criado enquanto o cartunista trabalhava para o *Jornal da Manhã*. A tirinha fazia uma tirada com o molho de tomate Elefante, após ver a tirinha no jornal o presidente da Cica — marca que produzia o molho de tomate — decidiu chamar Maurício de Sousa para criar uma publicidade para a marca. A parceria deu tão certo que o elefante permaneceu nas tirinhas da Mônica, e Maurício fez por

³ A Turma da Mônica teve seu primeiro gibi lançado em 1970. Todavia, os personagens começaram a aparecer nas tirinhas de Maurício de Souza ainda na década de 1950. Franjinha e o cachorro Bidu foram os primeiros a aparecerem nos quadrinhos do cartunista, após os dois aparecerem também Cebolinha, Cascão e Mônica. Esta última apareceu pela primeira vez no ano de 1973 (BATISTOTI, 2018).

um tempo quadrinhos e filmes animados como publicidade para a marca com os personagens da Turma, figura 2.

Figura 2: Elefante Jotalhão sendo puxado por Mônica.



Fonte: <https://universohq.com/universo-paralelo/os-55-anos-do-jotalhao/>.

Após o estrondoso sucesso nos quadrinhos e na publicidade, foi apenas questão de tempo para que a Turma da Mônica ganhasse seu primeiro longa-metragem de animação: As aventuras da turma da Mônica (1982). Dessa forma, Sousa se tornou um dos principais expoentes do Brasil, senão o maior deles, graças a quantidade de filmes e produtos audiovisuais lançados e principalmente por ter se mantido em atividade nesses sessenta anos.

Maurício de Sousa já era famoso por suas histórias em quadrinhos e buscou implantar a série televisiva da Turma da Mônica, usando sua influência e contatos. Foi a primeira experiência de se produzir animação em termos industriais no país, empregando cerca de 250 profissionais, além de contar com a ajuda de outras produtoras espalhadas pelo país. Porém, a série teve dificuldades de entrar nas grades de programação da TV e acabou indo diretamente para o mercado de vídeo doméstico ou reunida em um só filme e lançada no cinema. (BUCCINI, 2017.)

Durante a década de 1980 e 1990, Maurício de Sousa Produções foi a grande responsável pelas produções de animação nacional, empregando grande parte dos profissionais de animação brasileiros na época e foi o que manteve ativa o setor no país principalmente durante a crise econômica desencadeada pela crise do petróleo na década de 90. É da turminha também a conquista de maior público no cinema para uma produção de animação nacional. As aventuras da turma da Mônica (1982) levou mais de um milhão de pessoas aos cinemas nos anos de 1982 e 1983. (BUCCINI, 2017)

Como afirmou Arnaldo Galvão em depoimento para o documentário Luz Anima Ação (2013) “Maurício de Sousa é o ponto fora da curva. Sucesso com quadrinhos e uma força sem

igual também na produção audiovisual. Dos 50 filmes de longa metragem de animação produzidos em 100 anos de história, 20 foram produzidos por ele⁷. Nesses mais de sessenta anos da turminha⁴ Maurício de Sousa continuou produzindo quadrinhos, gibis, mangás, animações para o cinema e televisão e filmes *live-action*.

Já na década de 90 a animação nacional sofreu um importante baque com o fechamento da Embrafilme. A Empresa Brasileira de Filmes S.A. era a principal responsável pelos investimentos e produções das animações nacionais e funcionou de 1969 a 1990. O encerramento da Embrafilme se deu no contexto da crise econômica mundial devido à crise do petróleo que afetou em cheio as produções de animação que tiveram seus valores, já altos, agora cotados em dólar tornando um esforço heróico colocar as animações no ar. Foi na década de 1990 também a promulgação da Lei Rouanet em 1991. Apesar de ser um marco importante para o audiovisual nacional devido ao investimento estatal no setor, a área de animação não foi muito contemplada. Ambos os fatos foram responsáveis pelas escassas produções, paralisando quase todo o setor.

Até o início dos anos 2000 foram feitas pouquíssimas obras de animação no país, um dos poucos resistentes foi o cartunista porto-alegrense Otto Guerra com *Rocky e Hudson: Os Cowboys Gays* de 1994. Guerra em depoimento para o documentário (2013) definiu seu trabalho como animação de guerrilha devido a baixa remuneração frente aos custos de produção e distribuição tornando ainda mais difícil o sustento dos cartunistas.

Nas primeiras décadas dos anos 2000 a animação nacional volta a tomar fôlego com novas produções impulsionada especialmente pela Lei do Audiovisual e pelo barateamento dos materiais para produção, bem como uma estabilização do real frente ao dólar. A lei 12.485 de 2011, que obriga os canais pagos e abertos exibirem em sua grade produções nacionais foi um grande propulsor e incentivador das animações, pois deixa explícito na legislação a obrigatoriedade de exibição de conteúdo nacional inclusive nos canais pagos infantis – até então dominados por produções estrangeiras, sobretudo estadunidenses.

Além dos dois pontos mencionados acima, é crucial o advento de novas tecnologias que permitiram os animadores criarem com menos investimento de material, e principalmente a divulgação dos filmes tornou-se facilitada com a criação de plataformas como YouTube. Uma das animações nacionais com maior sucesso internacional, *A Galinha Pintadinha* (2006), teve sua estreia e *boom* na rede social de vídeos, até hoje possui episódios atualizados no canal. Algumas outras produções de animação seriada nacional que merecem destaque são

⁴ Foi considerado o ano de 1959 como marco de início das tirinhas da Turma da Mônica, uma vez que personagens como Franjinha, Bidu e Cebolinha apareceram pela primeira vez nas tirinhas dos jornais.

Meu AmigãoZão (2009), Mundo Bitá (2011), Tromba Trem (2011), Oswaldo (2017) e Irmão do Jorel (2014) - o foco principal deste trabalho.

Irmão do Jorel representa assim um importante marco para a animação nacional. O enorme sucesso entre o público e os prêmios recebidos indicam essa guinada que o seriado deu ao setor — esse tópico será melhor abordado no decorrer do próximo capítulo.

3 IRMÃO DO JOREL

3.1 CRIAÇÃO DO SERIADO

Irmão do Jorel é um seriado de animação brasileiro exibido no canal *Cartoon Network*, criado por Juliano Enrico e produção do Copa Studio. É considerada a primeira animação da América Latina de sucesso do canal, o desenho estreou em 2014 na grade de programação.

A série possui quatro temporadas exibidas pelo canal infantil e até julho de 2023 estão disponibilizadas no serviço pago de *streaming* da *HBO Max* e canal da *Cartoon Network*. Cada temporada tem vinte e seis episódios de onze minutos cada. A animação ainda possui dois episódios especiais fora da ordem do seriado, com tema de Natal e Carnaval, disponibilizados também no catálogo do *streaming*. Cada um tem cerca de vinte e quatro minutos de duração.

Irmão do Jorel é a primeira série brasileira a fazer sucesso no canal (D'Angelo, 2016), um dos principais no nicho de programação infantil e animação. O seriado vem ganhando prêmios e reconhecimento internacionais como o prêmio de Melhor Animação ibero-americana em 2019 (Souza, 2019) e indicação ao Emmy Kids no mesmo ano na categoria de Melhor Animação Infantil (Motta, 2019). Além disso, a animação está sendo exibida em outros países da América Latina e América do Norte. A série conquistou uma legião de fãs brasileiros e internacionais nos últimos anos e já esteve presente também no catálogo da Netflix e na grade de programação da TV Cultura. (Redação, 2020).

Quanto ao formato, Irmão do Jorel segue fórmula consagrada das animações ou filmes seriados, tem a narrativa quebrada em vários episódios ao longo das temporadas. Nas primeiras duas temporadas a série possui episódios independentes — não é necessário assistir episódios anteriores ou posteriores para a completa compreensão da narrativa do episódio em si — embora ainda apresente uma narrativa que serve como fio condutor é possível assistir os episódios da primeira e segunda temporada fora da ordem sugerida. A partir da terceira temporada é possível observar a ligação entre os episódios, uma narrativa de plano de fundo, além disso cenas dos episódios que fazem referência a outros.

Antes mesmo de ser selecionada pelo canal para ser produzida, a animação começou como histórias em quadrinhos desenhadas pelo criador Juliano Enrico. As tirinhas eram inspiradas em fotos antigas da família de Enrico, que criava as histórias mirabolantes a partir

destas imagens (Figura 3). Com o sucesso dos desenhos na rede social, Enrico passou a publicar as histórias em formato de tirinha na Revista Quase. Alguns nomes e características dos personagens foram modificados para o desenho animado da Cartoon, como observado na figura 3.

Inicialmente, o criador postava fotos da família na rede social Fotolog com legendas e situações engraçadas. As histórias começaram a fazer sucesso entre os internautas que acompanhavam a rede e que reconheciam na família de Enrico a sua própria. Conforme revelou o criador do Irmão do Jorel muitos internautas começaram a relatar que as histórias pareciam com as de suas famílias. Como afirmou Enrico em entrevista, as histórias geram reconhecimento e sentido de pertencimento vindo das pessoas que acompanham a tirinha. “Aí, a galera de lá começou a compartilhar histórias familiares comigo, e eu percebi que todo mundo tinha essas fotos constrangedoras: a mãe com um cabelo bizarro, a prima com jaqueta de ombreiras, aquelas festas toscas de aniversário.” (D’Angelo 2016).

Figura 3: Desenhos iniciais de Juliano Enrico para Irmão do Jorel.



Fonte: Cruz, 2018.

Em 2009 o projeto foi escolhido para receber patrocínio de cerca de US \$20.000,00 (vinte mil dólares) para produção pela *Cartoon Network*. O canal fez uma seleção entre animadores brasileiros para nova produção e Juliano Enrico foi selecionado após apresentação de pitching para os representantes do canal.(D’Angelo, 2016) Foram alguns anos de produção e espera até que a série estreou no canal pago em 2014.

Uma das características da animação é o núcleo principal bastante influenciado pela família do criador da série. Embora admita muitas inspirações da sua própria família, Juliano Enrico rechaça a ideia da animação ser unicamente sobre seus familiares. Seus personagens,

na verdade, seriam uma mistura tanto de pessoas reais do convívio do autor e outros roteiristas da animação, misturadas com cenas e personagens comuns do dia a dia, como o vendedor da mercearia e contador de histórias ou a avó preocupada com alimentação dos netos.

Além disso, é possível notar influências de personalidades importantes para o cenário brasileiro como a personagem Ana Catarina, retratada como a menina mais bonita da sala de aula, que possui uma pinta na coxa como a apresentadora Angélica.

Eu nunca pensei em fazer um desenho exclusivo do Brasil; eu queria que ele fosse do mundo. A ideia era ter elementos da nossa cultura que ficassem nonsense de um jeito engraçado, e não que quem não fosse brasileiro não conseguisse entender. A série é baseada nas relações, e relações são universais: a criança argentina, a dos EUA, a da França vai olhar o cenário, ver casa com telhado de telhas, a escola com pichação, e vai achar estranho – mas vai entender a história. (Enrico para D’Angelo, 2016).

Irmão do Jorel é uma série que também é inovadora no quesito das vozes dos atores. Em entrevista para Super Interessante (2016), Juliano Enrico, criador da série, pontuou a inovação da série, que além de ter vozes originais de atores brasileiros, tem um processo de criação pouco comum: as vozes são gravadas antes dos desenhos serem feitos, isso permite uma liberdade criativa maior dos atores que narram aos personagens, já que muitas das feições que fazem são também reproduzidas no desenho.

3.2 DESCRIÇÃO DA HISTÓRIA DO DESENHO ANIMADO

A história tem como tema central, um garotinho de 8 anos passando pelos desafios e aventuras da infância. De nome desconhecido, a personagem principal tem sempre seu nome associado ao irmão bonito e popular: Jorel, e tenta achar um pouco de espaço mesmo tendo um irmão tão famoso e querido por todos. O personagem principal é o caçula de três irmãos de uma típica família brasileira suburbana. Compõe ainda o núcleo familiar da personagem principal, figura 4: a mãe Danuza, o pai Edson, Nico, Jorel, Vovó Gigi e Vovó Juju. Ainda habitam a residência o cachorro Tosh e Zazá, além dos patos Gezonel, Danúbio e Fabrício.

Figura 4: Família completa de IJ.



Fonte: Comunidade de fãs de Irmão do Jorel⁵

As histórias têm o Brasil do final do século passado como plano de fundo, entre as décadas de 1980 e 1990⁶. Utilizando-se da construção dos personagens com características presentes no imaginário do brasileiro e também referências universais nos nomes dos episódios e personagens.

Ao longo das quatro temporadas é possível observar tanto no enredo como na ambientação lares e cenários presentes no dia a dia dos brasileiros. Um exemplo disso ao longo dos episódios como a cozinha da família é retratada com um botijão de gás ao lado do fogão, e a nova televisão com a etiqueta de consumo de energia do Inmetro, Instituto Nacional de Metrologia, Qualidade e Tecnologia, observados na ambientação dos cenários da terceira temporada.

Segundo Zé Brandão, co-fundador e diretor criativo do Copa Studio em entrevista para o Jornal O Tempo, "Irmão do Jorel não tem um ufanismo forçado, de colocar a nacionalidade brasileira de uma maneira obrigatória. A brasilidade vem naturalmente. Para construir um conteúdo com a cara do Brasil, basta ter um brasileiro produzindo".

⁵ Disponível em: https://irmaodojorel.fandom.com/pt-br/wiki/Irm%C3%A3o_do_Jorel_Wiki. Último acesso em: 16 de Agosto de 2023.

⁶ Em "A vida secreta dos belezitos", décimo episódio da segunda temporada, é exibido em um dos frames as fotos da escola do Jorel em que é possível notar os anos de 1988 a 1993 na legenda das imagens. Indicando os anos em que a série é ambientada.

Figura 5: televisão da família com o selo do INMETRO de consumo de energia.



Fonte: site de notícias Jovem Nerd⁷.

Na televisão, além da etiqueta do INMETRO nota-se também a presença da logo da empresa fictícia Shostners&Shostners, dona de boa parte dos produtos exibidos nos episódios.

Além disso, o sucesso da série é em grande parte pelo fato de ser ser uma narrativa que pode ser consumida por uma pessoa de qualquer país, é uma história universal: fala sobre uma criança tímida, sem muito destaque até mesmo dentro da própria família. Essa narrativa cria conexão com o público independente da nacionalidade, conforme afirmado pelo criador em entrevista para o canal do YouTube Mikann (2018).

A série transita bem entre temas do cotidiano como também por pautas atuais e educativas - como preocupação com o meio ambiente, retratado nos episódios com o personagem secundário Mendigo dos Mares, debate sobre governos autoritários e a preocupação com pautas feministas - representada principalmente pela personagem Lara. A animação fala de assuntos universais e muito comuns em outras séries que englobam o público infantil, trata de assuntos como amizade, histórias fantásticas e aventuras envolvendo os personagens.

3.3 PERSONAGENS PRINCIPAIS

Neste subcapítulo serão descritos os personagens principais do seriado, suas principais características e alguns episódios importantes que participaram.

⁷Disponível em: <https://jovemnerd.com.br/nerdbunker/irmao-do-jorel-quarta-temporada-esta-prevista-para-2021>
Último acesso 16/08/2023.

Irmão do Jorel⁸ é o personagem principal (fig. 6), possui cabelos encaracolados escuros e um sorriso com apenas dois dentes separados entre si, está sempre vestindo regata preta, shorts vermelho e galochas amarelas. É um menino sonhador de oito anos, e como várias crianças de sua idade tem a imaginação fértil, muitas vezes mistura realidade com eventos fantásticos. É fã dos filmes de ação do Steve Magal e gosta de assisti-los em companhia de sua avó materna Gigi.

O completo anonimato do personagem principal é uma das graças do desenho, toda a vez que o nome do IJ vai ser revelado alguém fala por cima impedindo assim o entendimento. O autor defendeu em entrevista para D'Angelo(2016), provavelmente o público nunca venha a saber o verdadeiro nome de nosso herói desconhecido. Juliano Enrico, na entrevista à revista completa, “Todo mundo pode ser o irmão do Jorel: aquela criança comum que sempre fica atrás dos próprios irmãos. É por isso que o irmão do Jorel não tem nome: somos todos ele”. IJ frequenta a escola Pônei Mágico com sua melhor amiga Lara e outros personagens secundários recorrentes como Billy Doidão, Jorginho, William Shostners, Samantha e Ana Catarina — por quem o personagem principal possui uma paixão. Na escola trabalham a professora Adelaide, a Inspetora Lola e Wonderlay — o faz tudo da escola.

Em muitos episódios do seriado, o personagem principal está acompanhado de sua melhor amiga Lara e do cachorro Tosh — inspirado no cachorro da família do criador da série e uma homenagem ao cantor de Reggae Peter Tosh — para suas aventuras no quintal de casa e escola. No início da terceira temporada, temos um episódio dedicado ao começo da amizade entre IJ e Lara, é revelado ao público que os dois se conheceram na praia quando eram bem novos e são amigos desde então.

Lara tem os cabelos castanhos curtos, utiliza shorts verdes e camiseta branca com mangas azuis. Costuma pilotar uma bicicleta roxa com um compartimento extra ao lado — onde leva a personagem IJ para escola e para as peripécias das duas crianças, fig 7.

Ao contrário do melhor amigo, Lara é representada como corajosa e destemida, sempre disposta a uma aventura radical. A personagem é muitas vezes ponto de crítica à cultura machista e promove valorização das mulheres e do feminino, como no episódio da primeira temporada “Fúria e poder sobre rodas” em que defende que “coisa de mulherzinha é ser incrível”.

⁸ Para melhor o entendimento e leitura do trabalho irei utilizar a partir deste ponto a abreviação ‘IJ’ ou o termo personagem principal para designar o personagem principal da série, e Irmão do Jorel para o desenho animado.

Figura 6: Personagem Irmão do Jorel acenando.



Fonte: Comunidade de fãs de Irmão do Jorel ⁹

Figura 7: Lara andando de bicicleta com IJ no compartimento do carona.



Fonte: Página Oficial do Irmão do Jorel no Facebook. ¹⁰

Já Jorel, figura 8, é um adolescente bonito e moreno, ostenta uma brilhosa cabeleira lisa e é o irmão do meio do personagem principal. Popular, admirado e amado por todos, o adolescente possui inclusive um fã clube de garotas da escola Pônei Mágico colegas de IDJ. Jorel é representado muitas vezes como o orgulho da família, conquista as coisas sem muito esforço, além de ser incrivelmente bom em tudo que se propõe a fazer. Ironicamente, Jorel possui falas quase inexistentes, sua presença nos episódios muitas vezes é resumida em takes de sua brilhante cabeleira e uma risadinha.

⁹ Disponível em: https://irmaodojorel.fandom.com/pt-br/wiki/Irm%C3%A3o_do_Jorel_Wiki. Último acesso em: 16 de Agosto de 2023.

¹⁰ Disponível em: https://www.facebook.com/irmaodojoreloficial/photos/a.1461658884121810/1652932431661120/?type=3&locale=pt_BR. Último acesso 16 de Agosto de 2023.

O criador da série em entrevista para D'Angelo, 2016 confirmou que o personagem é inspirado em seu próprio irmão mais velho, Jor-El. Assim como na animação, o irmão do criador era uma criança muito bonita e destaque da família.

Figura 8: Jorel, o menino mais bonito da escola.



Fonte: Comunidade de fãs de Irmão do Jorel.

Ainda compõe o núcleo principal, Nico, o primogênito da família roqueiro. Nico tem visual inspirado em grandes estrelas do rock, utiliza cabelos grandes cobrindo o rosto e está sempre utilizando calças jeans com rasgos nos joelhos. Sua banda de Rock, Cuecas em Chamas (Figura 9), ensaia na garagem da família. Ainda compõem a banda Reginaldo e Carlos Felino — muitas das músicas presentes nos episódios de "Irmão do Jorel" são interpretadas pelas vozes dos três personagens. Nico aparece de forma mais recorrente nos episódios e muitas vezes participa das aventuras do irmão mais novo.

Figura 9: Banda Cueca em Chamas.



Fonte: Comunidade de fãs de Irmão do Jorel

O pai dos três irmãos é Seu Edson, figura 10. Ator, jornalista e ativista, a personagem participa das histórias do filho trazendo valores como luta e liberdade, trazendo muitas vezes pontos de crítica à grande corporações e ao consumismo — retratados no seriado principalmente nas críticas ao Shopping Shostners¹¹ e aos itens de desenho do IJ como o Microwave Warriors¹². É fã do programa educativo Shakeasperito¹³.

Seu Edson é um grande incentivador de IJ e sempre apoia o filho em suas narrativas fantásticas, participando ativamente dos enredos dos episódios. Em “Gangorras da Revolução”, segundo episódio da primeira temporada, o jovem Edson luta contra um regime autoritário de palhaços militares no Brasil. No seriado as forças policiais são retratadas por palhaços, e neste episódio em específico temos a possível referência e crítica ao período ditatorial militar brasileiro entre 1964 e 1983.

O nome da personagem sugere seu caráter revolucionário, parece ser uma homenagem ao estudante Edson Luís de Lima Souto, secundarista morto pela ditadura militar em 1968.¹⁴ Originalmente o personagem se chamaria Seo Tadeu como sugere a Figura 3.

Figura 10: Seu Edson com gestos dramáticos.



Fonte: Comunidade de fãs de Irmão do Jorel

¹¹ Shopping Shostners é um empreendimento da empresa do universo da animação Shotsners & Shostners. O estabelecimento teve um episódio dedicado na segunda temporada, em que o personagem principal se perde da Vovó Juju na escada rolante.

¹² Microwave Warriors são bonecos-heróis do universo da animação, fazendo muito sucesso entre as crianças da série, dentre elas o personagem principal. Ao contrário dos colegas, IJ não consegue assistir o programa de televisão devido o horário ser muito tarde, o que trás muitas frustração ao garoto que é obrigado pelo pai a assistir Shakeasperito no lugar. Em tradução livre, o nome dos brinquedos significa “Microondas Guerreiros”, o que se justifica uma vez que os personagens possuem microondas em seu tórax e utilizam como arma para lutarem contra o mal. Na terceira temporada os personagens conhecem Lara e IJ após

¹³ Shakeasperito é um fantoche de pelúcia do programa infantil da rede de televisões da animação. O programa do qual é estrela possui conteúdos mais educativos, fazendo rivalidade com a modernidade dos Microwave Warrior. É possível notar referência aos programas educativos, principalmente da TV Cultura, como A Turma do Cocoricó que também é feita por personagens de fantoche.

¹⁴ Dados acessados no site Memórias da Ditadura, disponível no link:

<https://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-resistencia/edson-luis-de-lima-souto/>

Dona Danuza (fig. 11) é a mãe das crianças e professora de balé em um estúdio próprio. Se movimenta com movimentos ágeis e fluídos, um indicativo da sua profissão.

A mãe é representada como matriarca da família, muito forte e multitarefada. Danuza possui uma cabeleira castanha com topete e está sempre com roupas de ginástica com polainas, em vários episódios a personagem aparece insistindo para que os familiares, principalmente os filhos, se alimentem de forma saudável. É comum nos episódios a personagem oferecer à família sucos hiperproteicos e comidas à base de soja e grãos.

Figura 11: Danuza se movimentando com movimentos fluídos.



Fonte: Página Oficial do Irmão do Jorel no Facebook.¹⁵

Danuza é filha da Dona Gigi, uma idosa ranzinza e fã dos filmes de Steve Magal, a idosa passa boa parte do tempo assistindo a TV, muitas vezes em companhia do neto IJ. Dona Gigi é retratada sempre com um pirulito na boca, ou cigarros como confessou o criador da série em entrevista. Foi necessário realizar as mudanças uma vez que o desenho possui indicação livre para todos os públicos.

A idosa ainda possui um pequeno cachorro raivoso, provavelmente um pincher, normalmente em seu colo e tem por hábito engolir o controle remoto da televisão. A cachorrinha Zazá ganhou episódio na terceira temporada em que fica gigante e engole o Japão causando problemas enfrentados ao longo da temporada. Gigi e Zazá na figura 12.

¹⁵ Disponível em:

https://www.facebook.com/irmaodojoreloficial/photos/feliz-dia-das-m%C3%A3es-opa-j%C3%A1-1-%C3%A9-se-gunda-feiraent%C3%A3o-feliz-dia-do-ano-que-comemora-o-f/1591253347829029/?paipv=0&eav=Afa-ZmRW_TkzAYhhTDzagTpohz2BAd_WKJKZRNxJEyX5wIvOsPHtw8M3tXc42XCGa0&_rdr. Último acesso em 18 de Agosto de 2023.

Figura 12: Gigi sentada na poltrona da sala de estar da família.



Fonte: Comunidade de fãs de Irmão do Jorel.¹⁶

Por fim, temos a mãe do Seu Edson, Dona Juju (Figura 13), uma senhora fofinha e calma. Incentivando sempre os netos a comerem mais frutas e verduras, a idosa é fã de abacate — fruta que se tornou símbolo da animação Irmão do Jorel devido a sua recorrência nos episódios e sucesso entre os fãs que adotaram a fruta como símbolo do seriado. Vovó Juju cria três patos — Gesonel, Fabrício e Danúbio — no quintal de casa, onde possui também uma vasta horta repleta de frutas e legumes que alimentam a família.

Figura 13: Vovó Juju caracterizada de Mc Juju .



Fonte: Página Oficial do Irmão do Jorel no Facebook.¹⁷

3.4 PERSONAGENS RECORRENTES E SECUNDÁRIOS

¹⁶ Disponível em: https://irmaodojorel.fandom.com/pt-br/wiki/Irm%C3%A3o_do_Jorel_Wiki. Último acesso em: 16 de Agosto de 2023.

¹⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/irmaodojoreloficial/photos/a.1465070813780617/3099787483642267/?type=3>. Último acesso em 18 de Agosto de 2023.

Neste sub-capítulo serão descritos os personagens secundários de Irmão do Jorel, suas principais características e menção de episódios que participaram. A descrição dos personagens será necessária para a análise dos episódios escolhidos para o presente trabalho.

Roberto Perdigoto, figura 14, é um dos personagens secundários que mais aparece nos episódios. Muitas vezes aparece como repórter e programas de auditório¹⁸, além de fazer pontas nas publicidades que aparecem na animação como garoto propaganda da Sprok Maçã¹⁹ e demais marcas da Shotners & Shostners²⁰.

Possui uma rivalidade com Edson, com quem teve um grupo de teatro na juventude e acabaram se separando devido a desentendimentos. Desde então, Perdigoto participa dos programas de televisão e propagandas, enquanto Edson considera o ex-companheiro o considera traidor por trabalhar com grandes corporações que tanto criticavam.

Figura 14: Roberto Perdigoto



Fonte: Página Oficial do Irmão do Jorel no Facebook.

Steve Magal (figura 15) é um ator de ação do desenho, possui uma franquia longuíssima de filmes todos com a palavra “brutal” no título. Vovó Gigi e IJ são fãs do ator e de seus filmes. No episódio “O Pequeno Mestre de Gigitsu” é revelado para o público que Vovó Gigi foi a treinadora de Steve Magal no início da carreira.

A personagem aparece com certa frequência nos episódios, seja nas cenas de ação de seus filmes como ‘ao vivo’ para delírio e emoção de IJ. O nome da personagem é inspirado no

¹⁸ Roberto Perdigoto possui um programa de auditório onde é o apresentador, o Perdigotto Show. O programa fictício ganhou *spin-off* no YouTube onde entrevista os personagens do seriado.

¹⁹ Sprok Maçã é o refrigerante do desenho animado. IJ e Vovó Gigi adoram a bebida. Possui um mascote, o Sprokito, uma referência ao Dollynho do refrigerante brasileiro Dolly.

²⁰ É uma empresa no universo de Irmão do Jorel, é um grande conglomerado dona de praticamente todas as empresas que aparecem no seriado. Algumas delas são Shostners Burgers, a empresa de comunicação Shostners Cable e o Shostners Shopping. O dono da empresa é o pai de William Shostners, colega de sala de IJ, e a CEO é Suzana Gagliostro. Em muitos episódios da série a empresa é a antagonista, vilã da história.

ator de filmes de ação Steven Seagal e o cantor brasileiro Sidney Magal. A caracterização da personagem lembra o físico do ator Arnold Schwarzenegger.

Figura 15: Steve Magal em cena de ação em cima de um jet ski.



Fonte: Página Oficial do Irmão do Jorel no Facebook.

Ana Catarina, figura 16, é retratada como a menina mais bonita da sala de IJ e por quem ele tem uma quedinha. É uma menina com longos cabelos loiros presos num rabo de cavalo alto, os olhos são verdes com cílios de bonecas. A personagem anda na ponta dos pés, tem uma voz doce e melódica, e possui uma pinta na perna — como a apresentadora brasileira Angélica.

Embora seja a representação da feminilidade na animação, Ana Catarina em muitos episódios é retratada como determinada e muito boa em esportes como no episódio “A vida é muito curta pra gostar de futebol” em que jogou futebol e o episódio “Fúria e Poder Sobre Rodas” em que praticava *roller derby* na equipe “Patricinhas da Dor” com Lara e Samantha.

Samantha, fig. 17, é irmã de Ana Catarina. Ao contrário da irmã, Samanta possui características opostas, sendo retratada como uma menina forte e grande, é a valentona da escola — normalmente impõe medo sobre os demais da sala de aula, inclusive os meninos. Com sotaque típico da capital paulista, a personagem utiliza muitas gírias em sua linguagem, principalmente o uso de “mano” como vocativo. Samantha participa do fã clube para Jorel em conjunto com outras meninas da sala de IJ.

Figura 16: Ana Catarina com a pinta na perna.



Fonte: Comunidade de fãs de Irmão do Jorel.²¹

Figura 17: Samantha, descrita como a menina mais forte da sala de aula de IJ.



Fonte: Comunidade de fãs de Irmão do Jorel.

William Shostners é colega de sala de IJ, figura 18. Os pais do menino são donos da empresa Shostners & Shostners, embora raramente aparecem no seriado. William Shotners é representado como o garoto rico e mimado da escola, sempre tem tudo que quer e busca ser o centro das atenções devido ao seu dinheiro.

²¹ Disponível em: https://irmaodojorel.fandom.com/pt-br/wiki/Irm%C3%A3o_do_Jorel_Wiki. Último acesso em: 16 de Agosto de 2023.

Figura 18: William Shostnners.



Fonte: Comunidade de fãs de Irmão do Jorel.

Billy Doidão é o aluno repetente da sala, tem doze anos e está na sala do terceiro ano do ensino fundamental. Tem fama de ser o aluno mais doidão da escola, senta-se no fundo da sala de aula junto de e gosta de provocar o caos e a desordem.

A personagem usa roupas que lembram o estilo punk, com jaqueta de couro e calças jeans rasgadas no joelho — figura 19. Seu nome, inclusive, parece ser uma alusão ao cantor britânico Billy Idol.

Professora Adelaide é a professora da turma de IJ, participa dos episódios que se passam na Escola Pônei Encantado. A personagem tem os cabelos na altura dos ombros, usa calça jeans claras e blusa verde, fig. 20.

A professora participa de muitos episódios do seriado. Possui um temperamento calmo e tranquilo. Tem muita paciência para ensinar as crianças da turma.

Figura 19: Billy Doidão, a personagem tem um visual rebelde.



Fonte: Comunidade de fãs de Irmão do Jorel.²²

²² Disponível em: https://irmaodojorel.fandom.com/pt-br/wiki/Irm%C3%A3o_do_Jorel_Wiki. Último acesso em: 16 de Agosto de 2023.

Figura 20: Professora Adelaide.



Fonte: Comunidade de fãs de Irmão do Jorel.

Dona Lola é a diretora da escola. É uma mulher baixa, com cabelos volumosos castanhos e nariz adunco. É mal-humorada e bastante rígida com os alunos, menos Jorel que não recebe o tratamento ríspido da diretora reservado aos alunos. A diretora Lola participa de muitos episódios da série, aparecendo muitas vezes para gritar que determinada ação das crianças não podem ser feitas. (Figura 21)

Figura 21: Diretora Lola



Fonte: Comunidade de fãs de Irmão do Jorel.

Rambozo é militar, chefe da força policial no desenho. Possui caracterizações de palhaço, como a pintura branca no rosto e a expressão sempre mau-humorada, veste roupas

militares com calça camuflada e camiseta verde com as insígnias militares e uma flor que esguicha água (figura 22).

O nome da personagem já sugere uma crítica, é a junção do personagem de filmes Rambo e o palhaço Bozo. No episódio “Gangorras da Revolução” Seu Edson menciona que Já em “Profissão Palhaço”, décimo sexto episódio da primeira temporada, é mais explorado o personagem Rambozo e demais militares. No episódio é retratado o treinamento no quartel-picadeiro para formar os próximos palhaços militares, uma referência ao alistamento e treinamento militar obrigatório.

Figura 22: Policial Rambozo.



Fonte: Comunidade de fãs de Irmão do Jorel.

Seu Adelino é personagem secundária da animação, tendo aparecido em alguns episódios desde a primeira temporada. A personagem possui sotaque nordestino, cabelos crespos e escuros e bigode fino, e está sempre utilizando óculos escuros no estilo aviador, regata azul de telinha, bermuda vermelha e chinelos de dedo (fig. 23).

O personagem é dono do armazém que leva seu nome, o Adelino’s. Vende-se tudo no típico mercadinho de bairro desde alimentos e itens comuns até a pílula aumentadora e encolhedora — as pílulas apareceram no episódio Zazazilla e foi utilizada para deixar a cachorrinha Zazá grande para que IJ recuperasse sua lição de casa engolida pelo bichinho.

Wonderlay é zelador da escola Pônei Encantado. Aparece em vários episódios da animação e sempre está cumprindo alguma função de trabalho diferente, incluindo atendentes em comércio, frentista de posto de gasolina entre outros. No episódio “Rock ‘n’ Sprok” é revelado que o personagem possui vários clones idênticos, explicando o motivo por aparecer sempre em funções inusitadas nos episódios.

Normalmente está utilizando o macacão azul de uniforme de zelador da escola, figura 24, mas já apareceu com outros vestuários no seriado. É calvo, e embora possua uma careca reluzente tem o restante do cabelo na altura dos ombros preso em um rabo de cavalo baixo.

Figura 23: Seu Adelino no balcão do mercadinho.



Fonte: Comunidade de fãs de Irmão do Jorel.²³

Figura 24: Wonderlay caracterizado como zelador da escola.



Fonte: Comunidade de fãs de Irmão do Jorel.

²³ Disponível em: <https://irmaodojorel.fandom.com/pt-br/wiki/Adelino%27s>. Último acesso: 18 de Agosto de 2023.

4 CULTURA E IDENTIDADE NACIONAL

Neste capítulo serão abordados os temas de cultura e identidade nacional, com enfoque especial à cultura e identidade brasileira. O objetivo é abordar esses conceitos dentro das Ciências Sociais aplicadas para analisar os episódios escolhidos do seriado.

Este trabalho utiliza as definições de cultura presente em Hall (2003, 2016) além de alguns pontos centrais da obra de Martín-Barbero (2006) e Santaella (2003) sobre Cultura e Comunicação. O objetivo deste trabalho não é refazer o caminho e as definições sobre Cultura e Identidade Nacional ao longo do tempo até a construção atual, mas revisitar alguns pontos centrais e atualizados para então analisar os episódios escolhidos do seriado. Para tanto ele está dividido em duas partes, a primeira será abordado o conceito de Cultura através de autores como Hall, Santaella e Martin-Barbero. A segunda parte deste capítulo será dedicada ao conceito de identidade nacional e identidade brasileira com o objetivo de traçar pontos característicos da cultura brasileira com o auxílio das obras de Fiorin (2009), Holanda (1995) e Chauí (2000).

4.1 DEFINIÇÃO DE CULTURA

Os estudos Culturais são relativamente recentes nas Ciências Humanas e Sociais. Como relembrou Hall(2016), além de ser um campo de estudo novo, a Cultura era inicialmente objeto de estudo de áreas como Antropologia e Sociologia, atualmente é estudado por diversas áreas como Psicologia e Comunicação Social.

Conforme definiu o autor:

“Cultura” é um dos conceitos mais complexos das ciências humanas e sociais, e há várias maneiras de precisá-lo. Nas definições tradicionais do termo, “cultura” é vista como algo que engloba “o que melhor foi pensado e dito” numa sociedade. É o somatório das grandes ideias, representadas em obras clássicas da literatura, da pintura, da música e da filosofia — é a “alta cultura” de uma época. Pertencente a um mesmo quadro de referência, mas com um sentido mais modesto, é o uso do termo “cultura” para se referir a formas amplamente distribuídas de música popular, publicações, arte, design e literatura, ou atividades de lazer e entretenimento, que compõem o cotidiano da maioria das “pessoas comuns” de uma época. (2016, P. 19)

Devido a sua ampla gama de significados, e os estudos relativamente recentes é difícil de precisar o termo. Por muito tempo, cultura foi sinônimo de cultura erudita em contraponto à cultura popular. Enquanto a primeira seria sinônimo de alta cultura, superior em qualidade,

status em relação à cultura popular. A última estaria ligada à produção popular de cultura, voltada ao cotidiano e distante da erudita. Sob esta ótica, teria uma visão etnocêntrica de que determinada cultura é melhor em detrimento de outra.

Conforme retomou Santaella (2003), a palavra cultura só se tornou corrente na Europa durante o século XVIII, quando o conceito passou a ser utilizado para definição de sociedades humanas, num sentido próximo ao de civilização.

Por muito tempo as definições antropológicas e sociológicas se encarregaram dos estudos da cultura. Enquanto a primeira tratava cultura como algo generalista, entendia-se que haviam diversas culturas diferentes; a sociológica tratou de abordar apenas um conjunto de atividades e objetos provenientes da criação humana.

Martín-Barbero (2003) adiciona ao debate:

Do lado da cultura, até há relativamente poucos anos, o mapa parecia claro e sem rugas: a antropologia tinha a seu encargo as culturas *primitivas* e a sociologia se encarregava das *modernas*. O que implicava duas ideias opostas de cultura: para os antropólogos, cultura é *tudo*, pois, no magma primordial em que habitam os primitivos, cultura é tanto o machado quanto o mito, a oca e as relações de parentesco, o repertório das plantas medicinais ou das danças rituais; para os sociólogos, cultura é *somente* um tipo especializado de atividades e de objetos, de práticas e produtos pertencentes ao cânone das artes e das letras. (MARTIN-BARBERO, 2006, P. 13)

Martin-Barbero (2006) aborda ainda a análise da cultura sob a ótica da indústria cultural, e da massificação dos produtos gerados e consumidos nesses meios. Barbero apresenta assim, um olhar crítico aos meios de comunicação de massa, sobretudo o rádio e a televisão, que acabam por homogeneizar e massificar os produtos produzidos pelas culturas.

Os estudos mais atuais de cultura, sobretudo a semiótica da cultura abordada por Hall (2003), define a cultura como compartilhamento de significado entre os sujeitos. O autor define cultura como um mapa mental compartilhado entre os sujeitos — não necessariamente pertencentes à mesma nacionalidade. A língua (falada) nacional é colocada como um centralizador da nação, mas não é mais obrigatória para o compartilhamento de sentido de sujeitos numa mesma cultura, permitindo que haja troca e entendimento mútuo mesmo quando os falantes pertencem a nações diferentes.

Afirmar que dois indivíduos pertencem à mesma cultura equivale a dizer que eles interpretam o mundo de maneira semelhante e podem expressar seus pensamentos e sentimentos de forma que um compreenda o outro. Assim, a cultura depende de que seus participantes interpretem o que acontece ao seu redor e "deem sentido" às coisas de forma semelhante. (HALL, 2016, P.19)

Conforme definiu o autor, para haver entendimento entre os sujeitos é necessário que estes estejam inseridos dentro do mesmo contexto cultural, compartilhem do mesmo código. Ou seja, estejam inseridos e partilhem dos mesmos sentidos gerando assim mútuo entendimento. Contudo, não é necessário que os sujeitos se comuniquem no mesmo idioma falado, mas sim que partilhem dos mesmos valores e compreensões sobre os signos representados naquela cultura.

Para a análise dos episódios considera-se o conceito de mapa compartilhado defendido por Hall para definição de cultura.

4.2 IDENTIDADE NACIONAL

Para abordar o conceito de Identidade Nacional é preciso retomarmos a criação dos Estados Nação e por consequência a Nacionalidade ou Identidade Nacional.

O conceito de nação nasce com a fundação dos Estados Nacionais europeus durante o século XVIII, com a demarcação geográfica de suas fronteiras, a definição da língua vernácula²⁴, da religião e costumes, e principalmente definição da população,. Funda-se então a nação. Hall (2003) defende que o sentimento de identidade nacional se nasce justamente no reconhecimento da população enquanto cidadã de uma localidade, reconhecimento enquanto pertencente a um ponto de origem geográfico.

Na Europa, o processo de formação dos estados-nação se deu muitas vezes através de conflitos armados, e derramamento de sangue como é o caso inglês com a Guerra das Duas Rosas e a Guerra dos Cem Anos. Hall (2003) para explicar o conceito de Identidade Nacional, utiliza-se da formação da nação britânica para conseguir definir a formação do sujeito inglês, ou como o ele define: *Englishness*.

O autor caracteriza *Englishness* como o sentimento de ser inglês, o reconhecimento enquanto pertencente. Define-se ser inglês devido a oposição entre não sê-lo, ou seja, é uma definição que passa pelo que não se é, pela diferenciação com o outro. A partir do sujeito inglês Hall traça pontos sobre a identidade nacional.

Hall postula ainda que o conceito de identidade nacional vem se corroendo ao longo do século XX e XXI. Culturas com a identidade nacional muito fechadas tendem a ter suas certezas abaladas com as redefinições das fronteiras, tanto com o aumento das imigrações como também devido a grande conectividade mundial na contemporaneidade permitindo que

²⁴ Língua vernácula é o termo para designar a língua falada de uma localidade, em oposição à língua padrão. O termo é bastante utilizado para referirmos às diferentes línguas faladas nas localidades e o Latim, que por muito tempo foi considerado o idioma oficial.

valores de culturas diversas sejam . Para o autor, não é possível mais pensar no sujeito inglês como aquele guerreiro medieval corajoso, que remonta aos tempos das guerras pela formação do Estado inglês justamente devido às influências externas que a cultura britânica sofreu ao longo do século passado, abalando assim a identidade nacional.

Já na América Latina o cenário mostra-se um pouco diferente do europeu. Primeiramente, os países do continente eram colônias de estados europeus. Além disso, o processo de independência das colônias na América Latina — salvo no caso do Haiti liderada pelos negros escravizados — não tiveram participação popular na reivindicação pela independência das colônias. O processo de independência se deu em forma de acordo e concessão e não por lutas de independência como no caso americano e inglês.

Como lembrou Chauí (2006), no Brasil, por exemplo, a independência foi feita pelo então príncipe de Portugal e imperador do Brasil, Dom Pedro I. A independência da colônia portuguesa não teve fins muito revolucionários ou que afetasse o dia a dia da população, primeiro pois não contou com a participação do povo, e efetivamente nada mudava, o país continuava tendo como governante um português e não um brasileiro. Embora Dom Pedro I tenha nascido em solo nacional, e tenha-se utilizado esse argumento como legitimador de sua autoridade perante o povo brasileiro, ainda era descendente direto da Coroa Portuguesa que até então subjugava o país.

A autora ainda defende que a formação da sociedade e conseqüentemente da cultura brasileira passava por uma construção de uma ‘colcha de retalhos’ onde se fundiam primeiro o indígena nativo e o português colonizador.

Alguns sociólogos se debruçaram sobre o tema da formação social da sociedade brasileira como Gilberto Freyre em *Casa Grande e Senzala* (2001), Sérgio Buarque de Holanda com *Raízes do Brasil* (1995), e a filósofa Marilena Chauí (2000) — estes dois últimos serão melhor abordados neste capítulo.

Fiorin (2009) retoma os conceitos de Thiesse (1999) para definir a formação da nação. Defende que a nação é uma invenção, é algo criado, e disseminado no meio social.

A nação nasce, pois, “de um postulado e de uma invenção”. Ela condensa-se numa alma nacional, que deve ser elaborada. Uma nação deve apresentar um conjunto de elementos simbólicos e materiais: uma história, que estabelece uma continuidade com os ancestrais mais antigos; uma série de heróis, modelos das virtudes nacionais; uma língua; monumentos culturais; um folclore; lugares importantes e uma paisagem típica; representações oficiais, como hino, bandeira, escudo; identificações pitorescas, como costumes, especialidades culinárias, animais e árvores-símbolo (THIESSE, 1999, p. 14). (in FIORIN, 2009, p. 116)

Marilena Chauí (2000) corrobora essa afirmação:

Se acompanharmos a periodização proposta por Eric Hobsbawm, em seu estudo sobre a invenção histórica do Estado-nação, podemos datar o aparecimento de "nação" no vocabulário político na altura de 1830, e seguir suas mudanças em três etapas: de 1830 a 1880, fala-se em "princípio da nacionalidade" de 1880 a 1918, fala-se em "idéia nacional"; e de 1918 aos anos 1950-60, fala-se em "questão nacional". Nessa periodização, a primeira etapa vincula nação e território, a segunda a articula à língua, à religião e à raça, e a terceira enfatiza a consciência nacional, definida por um conjunto de lealdades políticas. (CHAUÍ, 2006, P. 16)

Retomando Hall, em sua obra “A identidade cultural na pós-modernidade” (2003), defende que as identidades nacionais estão sendo descentralizadas, fragmentadas. Colocando assim em xeque antigas certezas centralizadas nas identidades nacionais ao longo das décadas, como as noções de *englishness* - a caracterização do que é ser inglês. Cada vez mais influenciadas por um processo de globalização - que contribui para essa descentralização das identidades pois recebe influências de outras culturas - as identidades nacionais como construídas no século passado são postas à prova e precisam ser reformuladas. Como definiu Hall, “À medida que as culturas nacionais tornam-se mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural.” (2003, p. 74).

4.3 IDENTIDADE NACIONAL BRASILEIRA

Moro num país tropical abençoado por Deus
 E bonito por natureza (mas que beleza)
 Em fevereiro (em fevereiro)
 Tem carnaval (tem carnaval)
 (JORGE BEN JOR, País Tropical, 1969)

Na música “País Tropical” imortalizada na voz de Jorge Ben Jor, o cantor já coloca no primeiro verso um dos principais pontos associados ao Brasil: a beleza estonteante dos trópicos. Na letra é possível identificar outro ponto central da construção do país: o fato de sermos abençoados por Deus por não termos catástrofes naturais. Chauí (2006) postula este como ponto inicial e fundador da nação brasileira: a beleza natural do país.

Conforme a autora, a natureza é o primeiro tema evocado quando se pensa no Brasil. Aprendemos desde cedo na escola que o verde da bandeira significa os verdes de nossas matas, o azul enquanto representante da e o amarelo para simbolizar o ouro e nossas demais riquezas, ou seja, a beleza natural. Essa percepção da beleza paradisíaca brasileira está

presente no primeiro material escrito sobre o país: a Carta de Pero Vaz de Caminha. (Chauí, 2006)

Como discorre a filósofa, a identidade nacional brasileira se funda no primeiro momento nas belezas naturais do país, uma verdadeira benção de Deus. A ideia da visão do paraíso que se têm ao deparar com o novo continente é construída através da crença católica herdada dos colonizadores portugueses que acreditavam que o Novo Mundo era a Terra Prometida descrita na Bíblia.

O Brasil representou uma das primeiras experiências bem-sucedidas de criar uma nação fora da Europa. A nação é vista como uma comunidade de destino, acima das classes, acima das regiões, acima das raças. Para isso, é preciso adquirir uma consciência de unidade, a identidade, e, ao mesmo tempo, é necessário ter consciência da diferença em relação aos outros, a alteridade. (Fiorin, 2009, P. 117)

Conforme resgatou (Fiorin 2009) a cultura pode ser dividida em cultura de divisão ou de mistura, a primeira teria como base a unidade e austeridade, já a segunda teria como característica agregar elementos de uma ou mais cultura em sua formação.

Com base em proposta de Zilberberg e Fontanille, feita para mostrar como os valores tomam forma e circulam no discurso, pode-se dizer que há culturas que se veem como unidade e outras, como mistura, o que significa que há dois mecanismos a regê-las: o princípio de exclusão e o princípio da participação. Esses princípios criam dois grandes regimes de funcionamento cultural. O primeiro é o da exclusão, cujo operador é a triagem. Nele, quando o processo de relação entre valores atinge seu termo leva à confrontação do exclusivo e do excluído. As culturas reguladas por esse regime confrontam o puro e o impuro. O segundo regime é o da participação, cujo operador é a mistura, o que leva ao cotejo entre o igual e o desigual. A igualdade pressupõe grandezas intercambiáveis; a desigualdade implica grandezas que se opõem como superior e inferior (2001, p. 29).

Fiorin (2009) utiliza-se dos estudos de Zilberberg e Fontanille para pontuar que há dois tipos de valores culturais: os que são unidade e os de mistura. Segundo os autores, a cultura brasileira caracteriza-se por ser esta última, ou seja, agrega dentro de si elementos de outras culturas.

Freyre (1995) traçou características do povo brasileiro e como este é marcado por um longo processo de miscigenação. Para o autor, a mistura das *raças* seria a razão principal para a pacificidade do brasileiro, atingindo assim a democracia racial existente no país. Mais recentemente, a antropóloga Marilena Chauí (2000) traça um marco temporal como o início da nação e povo brasileiro, o processo de fundação do que entende-se por Brasil.

O “mito das três raças” torna-se assim ponto fundador da nação e sociedade brasileira, é na mistura e no sincretismo dos três povos que é construída a identidade nacional.

Percebe-se aí mais uma diferença em relação ao nacionalismo europeu, a identidade nacional brasileira está fundada nessa mistura, o que torna o “estrangeiro” o “outro” aceito mais facilmente.

Utilizando os conceitos de Chauí (2000) e Holanda (1995) a cultura brasileira teve sua construção enquanto povo na mistura entre brancos e indígenas, no primeiro momento os negros escravizados não eram considerados enquanto pertencentes à nação. Como afirmou a filósofa, não eram desejados na formação do povo. Os negros só foram inseridos na formação da sociedade brasileira no decorrer do século XX.

Fiorin (2009) defende que a literatura foi um grande catalisador para determinar e difundir a cultura brasileira. O livro *O Guarani* (1857), mostrou-se um ponto importante para isso, definindo assim um modelo ideal de brasileiro: o indígena puro, e a descendente dos colonizadores portugueses. Peri simboliza a força e pureza dos povos indígenas e Ceci descende de um fidalgo português, representa assim a primeira geração de nascidos no país.

Os autores românticos, com especial destaque para Alencar, estiveram na linha de frente da construção da identidade nacional. Entre todos os livros de Alencar, o mais importante para determinar esse patrimônio identitário é, sem dúvida, *O Guarani*. Nele determina-se a paisagem típica do Brasil (o espaço da eterna primavera, onde não ocorrem cataclismos naturais, como furacões, tornados, terremotos etc.), a singularidade de sua língua, mas principalmente o casal ancestral dos brasileiros. Além disso, começa-se a elaborar um modelo explicativo da singularidade da cultura brasileira, pois é essa especificidade que constituiria o Brasil como uma nação. Observe-se que se trata de uma autodescrição da cultura, que é, evidentemente, parcial. No entanto, ela é vista como uma explicação totalizante e real da cultura. (FIORIN, 118-119)

O século XIX, período em que foi lançado “*O Guarani*” (1857), é o primeiro passo para construção da identidade brasileira. Nota-se que neste primeiro momento o negro escravizado não estava incluindo na representação da sociedade inicial brasileira, corroborando para o que Chauí (2000) postula a respeito do negro ter sido deixado de lado na formação da sociedade num primeiro momento.

Ainda na Literatura, no período conhecido como Modernismo²⁵ foi lançado em 1928 o livro “*Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*”. No livro de Mário de Andrade percebemos as mudanças a respeito da formação da sociedade brasileira: o negro passou a ser considerado enquanto personagem participante desse processo — conforme abordado também por Chauí (2000)

²⁵ O modernismo no Brasil teve início com a Semana de Arte Moderna de 1922. Na Semana foram definidos pontos importantes da arte brasileira, participaram do evento a pintora Tarsila do Amaral, e os escritores Oswald de Andrade, Manuel Bandeira e Mário de Andrade.

Acessado em: <https://brasilescola.uol.com.br/literatura/semana-arte-moderna-1922.htm>

Retomando a formação da sociedade brasileira, Holanda (1995) define o homem cordial como sujeito característico do Brasil. É o sujeito que através das relações e do desvio da norma ou da lei “dá seu jeito” para atingir seus objetivos. Tal construção ficou conhecida como o jeitinho brasileiro e o homem cordial como o malandro brasileiro.

Holanda (1995) defende que tais características do homem-cordial se dão devido a confusão entre as esferas públicas e privadas. Tornando o Estado uma extensão da casa e da família brasileira.

5 METODOLOGIA

Para analisar os episódios de *Irmão do Jorel* sob a perspectiva da Cultura e Identidade Nacional brasileira, utilizou-se para este primeiro as definições de Stuart Hall (2003 e 2016), Martín-Barbero(1997), e Santaella (2003). Por fim, para os conceitos de Identidade Nacional e Identidade Nacional Brasileira apoiou-se nos estudos de Fiorin (2009), Marilena Chauí (2000) e Sérgio Buarque de Holanda (1995). O objetivo principal era conseguir identificar elementos da cultura nacional presente nos episódios da animação.

O corpus do trabalho foi definido com um total de três episódios do seriado que reuniam em si elementos característicos da cultura brasileira. Para isso foi delimitada a análise até a terceira temporada, sendo escolhidos aqueles que preenchessem os seguintes critérios: ser uma comemoração ou celebração de data típica ou possuir no mote central do episódio características do cotidiano do brasileiro. Para tal foram escolhidos “Meu Segundo Amor”, “Então é Natal” e “Em Busca de Liberdade”.

Os dois primeiros episódios tem como mote central a comemoração de datas típicas brasileiras, a Festa Junina e a celebração do Natal respectivamente, possibilitando assim uma análise mais rica de como é representado os aspectos do cotidiano e da cultura brasileira. O terceiro episódio foi escolhido considerando a representação dos hábitos cotidianos dos brasileiros, sem qualquer ligação com datas típicas. “Em busca pela Liberdade” retrata cenas cotidianas, e utiliza-se do humor para retratar costumes comuns do brasileiro no final do século passado.

Foi definido apenas episódios da primeira à terceira temporada pois foram os que melhor retratavam os temas analisados no presente trabalho, e também por terem sido as temporadas mais assistidas. Possibilitando uma melhor análise e conhecimento do objeto de pesquisa.

Em relação às estratégias metodológicas pretende-se utilizar para o projeto de pesquisa a Análise de Imagem em Movimento e Análise Documental.

Por se tratar de uma obra audiovisual, se faz necessário a análise de imagem em movimento para compreender como recursos audiovisuais, como flashback, elaboração dos personagens e dos cenários, contribuem para a construção da história contada. Para os episódios analisados, foram observados aspectos como o roteiro do episódio e o mote central de cada um deles. A análise audiovisual foi utilizada também para identificar através da construção dos personagens (vestimentas, personalidade, sotaque, dentre outras caracterizações) aspectos típicos da cultura brasileira representados na animação.

A estrutura narrativa se refere ao formato de uma história, no sentido de que ela possui um começo identificável onde a situação da peça muda, um meio onde as diferentes forças desempenham seus papéis, e um fim onde temas importantes são articulados. Esse fim da história é muitas vezes referido como o "fechamento da narrativa". Há ainda uma questão que se refere a "voz" na narrativa e a identidade do narrador. Esta questão não foi incluída, pois parece menos importante no texto televisivo, do que, por exemplo, no romance. (ROSE, 2002, P. 355)

Já a análise documental se faz necessária pois foram utilizados documentos, livros, revistas e periódicos, entrevistas para revistas, canais no YouTube e documentários para a análise dos episódios. As entrevistas com o criador da série se mostraram especialmente úteis para compreender como se deu a elaboração das histórias narradas no seriado e quais influências impactaram nos episódios.

Com o auxílio das metodologias mencionadas acima, busca-se entender como a animação representa a cultura nacional brasileira, quais são os elementos culturais, do cotidiano são utilizados na produção, e como a mesma contribui para uma disseminação e fortalecimento da uma cultura nacional frente às produções estrangeiras que dominavam as grades televisivas.

6 ANÁLISE DOS EPISÓDIOS

Neste capítulo serão analisados o corpus de três episódios da animação, considerando apenas as temporadas um, dois e três. Será ainda realizada uma análise geral de pontos-chave

das três primeiras temporadas. A análise levará em conta conceitos de Cultura e Identidade Nacional Brasileira conforme melhor descrito no capítulo de Metodologia.

6.1 ANÁLISE EPISÓDIO “MEU SEGUNDO AMOR”

“Meu segundo amor” é o episódio vinte e seis da primeira temporada e teve sua exibição no Brasil em novembro de 2015 na *Cartoon Network*. O episódio tem como trama central a festa junina na escola Pônei Mágico, onde IJ e os demais alunos estão participando das comemorações típicas da data. O casamento de mentirinha é o ponto alto do episódio, e é escolhido como momento ideal para o personagem IJ declarar todo seu amor por Ana Catarina.

A primeira cena é inspirada nos filmes de faroeste americano com uma bola de feno rolando pela terra seca, na decoração do parquinho da escola estão penduradas bandeiras coloridas, fig. 25. A música de fundo é típica dos filmes de *bang bang*, indica uma tensão no ar mas ainda contém comicidade já que é possível identificar ser cantada por um dos personagens.

Figura 25: Área externa da escola decorada com bandeirolas.



Fonte: Cena de Meu Segundo Amor.

No alto da tensão da música, o personagem Pablito parece ser arremessado pela janela do galpão, cai na areia e grita por ajuda, fig. 26. Uma sombra se aproxima da porta, até que pode-se reconhecer IJ caracterizado com roupas típicas juninas. Quebrando a tensão da cena anterior, IJ acalma Pablito dizendo não ser uma ameaça à criança.

Figura 26: Pablito grita por ajuda.



Fonte: Cena de Meu Segundo Amor.

Logo após essa cena aparece o bando da Samantha, figura 27, caracterizada com uma mistura de trajes típicos juninos e roupas de bandido de faroeste, usando um lenço para esconder parte do rosto. As meninas indagam IJ onde está Jorel e são informadas que o adolescente está na Barraca do Beijo (figura 28), a cena muda para o pré-adolescente, é possível notar a fila fazendo volta para beijá-lo. Samantha e as demais meninas correm desesperadas para entrar na fila.

Figura 27: Bando da Samantha caracterizado.



Fonte: Cena de Meu Segundo Amor.

Figura 28: Jorel na barraca do beijo.



Fonte: Cena de Meu Segundo Amor.

Pablito é hondurenho, a única criança não-brasileira da sala de IJ, parece estar confuso com a dinâmica das brincadeiras e eventos da festa junina. Nesse momento, a cena é paralisada e surge na tela a personagem Coco Mágico²⁶, figura 29.

Figura 29: Coco Mágico explicando sobre a quadrilha da Festa Junina.



Fonte: Cena de Meu Segundo Amor.

A criatura explica sobre as comemorações da festa junina é um momento de reunião de jovens e adultos para saborear quitutes típicos, participar de brincadeiras e outras

²⁶ É um personagem recorrente da animação, aparece em poucos episódios, normalmente para explicar algo ao público. Tem traços infantis como olhos e bochechas grandes, e voz típica de uma criança. Apesar dessas características, utiliza de ironia e sarcasmo em suas aparições nos episódios. A partir da terceira e quarta temporada ganha mais destaque nos episódios, sendo um dos vilões da última temporada.

atividades em grupo. Enquanto a personagem fala, é exibido cenas dos personagens de Irmão do Jorel realizando tais atividades na festa da escola. O Coco Mágico afirma que a quadrilha pode ser o momento ideal para os jovens encontrarem o primeiro amor.

A cena volta para IJ apaixonado pensando em Ana Catarina, e com Lara ao seu lado. A menina oferece um pastel de vento ao personagem principal, ao morder ele quase se engasga devido a um anel no meio da comida. Wonderlay que está trabalhando nas barraquinhas de comida da festa, anuncia se tratar do anel “Roxo do Destino” (figura 30), que faz par com um segundo. O homem informa que a pessoa que encontrar os dois aneis poderá casar com quem quiser ao final da quadrilha.

O casamento é de mentirinha, como explicou Lara, é apenas para o momento da festa. IJ fica obstinado a conseguir o segundo anel para casar-se com Ana Catarina. Pede então ajuda a melhor amiga para encontrar o segundo anel, “Verde Abacate do Destino”. As personagens passam por barracas de comida e brincadeiras típicas, como a pescaria e acertar a boca do palhaço para achar o anel (Figura 31).

Figura 30: Anel Roxo do Destino.



Fonte: Cena de Meu Segundo Amor.

Figura 31: IJ e Lara brincando de acertar a boca do palhaço.



Fonte: Cena de Meu Segundo Amor.

Enquanto passam pelas barraquinhas, acontece o show da banda Cueca em Chamas, figura 32. A banda toca em um palco improvisado no pátio da escola, os participantes da festa dançam e se divertem.

O tradicional rock da banda é substituído por forró, é possível identificar Nico com um zabumbo, Reginaldo toca triângulo e Carlos Felino violão. Embora não esteja visível na cena, é possível notar na trilha a sanfona, típica do forró e dos festejos juninos. Além disso, as personagens estão caracterizadas com roupas típicas como é possível observar na figura 32.

Figura 32: Show da banda Cueca em Chamas.



Fonte: Cena de Meu Segundo Amor.

Após gastar todo seu dinheiro procurando o anel sem sucesso, IJ aparece cabisbaixo com Lara alegre ao seu lado. A criança está decepcionada por ter ganho apenas fichas para

pastel com caldo de cana. A melhor amiga, por outro lado, se mostra muito satisfeita por ter ganhado estalinhos nas brincadeiras, e os joga no chão fazendo barulho.

Enquanto reclama das fichas de caldo de cana, uma figura que estava oculta dormindo se revela, é Steve Magal. O ator comenta que caldo de cana é o melhor para sua dieta, e sugere ao IJ trocar o anel de plástico que ganhou em algum dos quitutes da festa pelas fichas. A personagem principal de imediato aceita a troca entusiasmada.

Figura 33: Steve Magal trocando o Anel Verde Abacate do Destino com IJ.



Fonte: Cena de Meu Segundo Amor.

Samantha e seu bando surgem em cena e tentam capturar os anéis de IJ para que possam casar com Jorel no final da quadrilha. O personagem principal e Lara resistem, e então começa uma perseguição entre os personagens pela posse dos anéis, figura 34.

Figura 34: Samantha tenta pegar os anéis do Destino de IJ.



Fonte: Cena de Meu Segundo Amor.

A cena volta para o pátio da escola onde está acontecendo a quadrilha, o puxador é Roberto Perdigoto que se encontra agora no palco do evento. Rambozo para a música e informa ao puxador que foram encontrados os anéis para o casamento. Perdigoto comunica ao público sobre o encontro dos anéis, e anuncia a realização do casamento.

IJ interrompe a quadrilha e entrega o primeiro anel ao apresentador, ao procurar desesperado o segundo, descobre que não está em sua posse. A cena corta para Lara que vem correndo em direção do personagem principal com o segundo anel em mãos para entregar ao melhor amigo.

Está tudo certo para o casamento acontecer. É possível identificar a mudança para a noite no desenho, os participantes da festa estão reunidos para a realização da cerimônia ao lado do altar. No altar, IJ está nervoso esperando Ana Catarina entrar. A celebrante é a professora Adelaide.

A personagem principal está nervosa e começa a suar frio. Durante a entrada de Ana Catarina até o altar, IJ tem visões aterrorizantes dos pais e outros familiares falando sobre as obrigações e responsabilidades do matrimônio (fig. 36).

Com os noivos no altar, Prof. Adelaide começa a cerimônia. Alerta que mesmo de mentira o casamento possui responsabilidades e obrigações. Salienta ainda que Ana Catarina está presente por obrigação, e no entanto IJ está ali apenas por acaso.

Figura 35: IJ oferece o Anel Roxo do Destino a Ana Catarina.



Fonte: Cena de Meu Segundo Amor.

Figura 36: Ana Catarina e IJ no altar.



Fonte: Cena de Meu Segundo Amor

No final do episódio IJ sai correndo fugindo do casamento — e das responsabilidades matrimoniais. Encontra a amiga Lara na rua jogando estalinhos e pede “Lara, você me dá um estalinho”, figura 37. A menina concorda e o episódio finaliza.

Figura 37: Lara e IJ se encontram no final do episódio.



Fonte: Cena de Meu Segundo Amor.

O episódio tem como ambientação principal a Escola Pônei Mágico. Estão presentes tantos os alunos e funcionários da escola como personagens que não costumam frequentar o

local, como a família do personagem principal e Roberto Perdigoto. Percebe-se então que não é um dia normal do ano letivo, mas sim uma comemoração entre a comunidade escolar.

Logo identificamos se tratar da festa junina ou festa de São João, comuns em todo país, principalmente no Nordeste, e comemoradas nas escolas brasileiras. Na festa são realizadas atividades típicas das festas juninas como pescaria, acertar a boca do palhaço e brincar com estalinhos.

O principal evento da festa costuma ser a dança da quadrilha em que os participantes dançam em duplas, há um puxador para dar orientação aos dançarinos e interagir com o público. No episódio, Roberto Perdigoto é o puxador da quadrilha enquanto os membros da escola dançam na quadra da escola.

As roupas dos personagens também estão diferentes das normais que utilizam nos episódios. JJ possui um bigode falso, provavelmente desenhado com maquiagem, camisa xadrez e chapéu de palha; Samantha e seu bando estão com chapéus e vestidos típicos das festas juninas, além de também utilizarem botas *cowboy*.

No episódio nota-se a necessidade de explicar as festividades juninas para sujeitos não pertencentes à cultura brasileira, a intervenção do Coco Mágico indica tal necessidade. Isso fica ainda mais explícito com a participação do personagem hondurenho Pablito, confuso com as comemorações, no início do episódio.

A criança estrangeira na cena indica também um aspecto internacional importante da animação. Como Enrico declarou em entrevista para Super Interessante (2016), Irmão do Jorel foi pensado para ser consumido por uma criança de qualquer nacionalidade e não só brasileiros — prova disso é a exibição do seriado em países da América Latina. A história passa-se no Brasil e tem como inspiração as vivências dos roteiristas e animadores do seriado, que colocam assim experiências próprias nos roteiros dos episódios. Como participar de uma dança de quadrilha, e se vestir de caipira para a festa junina. Apesar dessa característica, pessoas de diferentes nacionalidades conseguem compreender o mote do episódio através da linguagem visual e explicações do Coco Mágico.

Na cena em que Coco Mágico intervém, é possível identificar também ideias importantes de Hall. O mapa conceitual compartilhado — no caso do episódio essa ‘ponte’ acontece através da linguagem visual e da explicação do Coco Mágico — permite que aconteça entendimento de pessoas de diferentes culturas.

Voltando às festividades juninas, elas são comemoradas também em igrejas e paróquias por todo país. De origem pagã, a comemoração foi incorporada pela Igreja Católica e chegou ao Brasil pelos colonizadores portugueses. Realizada no solstício de verão no

hemisfério norte, se tratava de uma celebração e agradecimento pela colheita dos alimentos. Incorporada pelo catolicismo na Europa, passou a ser utilizada como comemoração aos santos católicos São João, São Pedro e Santo Antônio, e foi trazida ao Brasil pelos portugueses durante o período colonial no século XVI. (Silva, Brasil Escola)

A partir de então a festa foi inserida na sociedade brasileira e sofreu algumas modificações ao longo dos anos como a inclusão do caboclo e de figuras típicas do interior do país como o caipira. Há também a inclusão do casamento, momento fictício em que dois participantes se casam. E também a dança da quadrilha — popular em todo Brasil sobretudo no Nordeste.

Ao final do episódio há ainda uma brincadeira com o duplo sentido da palavra estalinho. O primeiro sentido de estalinho seria para as bombinhas que estouram com o contato na superfície gerando o barulho de pequenos estalos, daí o nome; e o segundo sentido de beijo, apenas o encostar dos lábios. Na cena II vai ao encontro de Lara e pede um estalinho, a cena corta após a amiga concordar, e fica a brincadeira do primeiro beijo entre os dois. Esse é o primeiro passo para a construção do interesse romântico entre os amigos que irá desenvolver nos episódios seguintes.

Figura 39: Imagem final do episódio.



Fonte: Cena de Meu Segundo Amor.

Com a rolagem dos créditos do episódio é exibido uma imagem ou vídeo curto com relação a história daquele episódio. Em “Meu Segundo Amor” é exibido ao lado dos créditos uma imagem de duas crianças com trajes juninos e bigodes falsos se abraçando. Pela semelhança, é possível identificar Jor-el com sua cabeleira lisa e brilhante e uma criança com

cabelos encaracolados, a inspiração para o personagem principal IJ, figura 39. Neste último take nota-se a proximidade da animação com as memórias da infância do criador Juliano Enrico.

6.2 ANÁLISE EPISÓDIO “ENTÃO É NATAL”

“Então é Natal” é o nono episódio da segunda temporada de *Irmão do Jorel*, e foi exibido na *Cartoon Network* em 12 de dezembro de 2016. O mote central é a comemoração do Natal na família principal.

No início do episódio, IJ com o auxílio do pai coloca a estrela no topo da árvore de natal da família (Figura 40). Com o peso da estrela, a árvore — que na verdade é apenas um galho com bolinhas vermelhas — tomba e desmonta frustrando a criança que fica com cara de choro. Edson consola o filho e sugere serem cometas quando as bolinhas de natal quebram no chão.

Figura 40: IJ coloca a estrela na árvore da família.



Fonte: Cena de Então é Natal.

Danuzza aparece servindo a ceia de natal na mesa da família. Anuncia o cardápio a base de passas, alimentos orgânicos e saudáveis. A cena corta para Perdigoto com um terno banco, figura 41, cantando música típica em cenário natalino na televisão — uma alusão ao especial de fim de ano do cantor Roberto Carlos da TV Globo.

A cena volta para a ceia da família, onde estão todos reunidos na mesa de bilhar utilizada para as refeições(Figura 42). IJ aparece chateado enquanto separa no prato as passas do restante da comida.

Figura 41: Roberto Perdigoto cantando no especial de Natal da TV.



Fonte: Cena do episódio Então é Natal.

Figura 42: IJ separando as passas da comida.



Fonte: Cena do episódio Então é Natal.

Na próxima cena, Vovó Gigi ao lado de um ventilador, alterna entre os canais da TV a cabo, todos eles com temática natalina de inverno. A idosa reclama dos programas de especial de natal na televisão, gostaria que eles não existissem.

A cena volta para o pé da escada, onde está a árvore de natal da família — agora com uma vassoura como suporte — e estátuas e fotografias de Jorel ao lado (Figura 43). Nico pergunta ao pai se podem abrir os presentes, Edson responde que o maior presente é a companhia um do outro e abraça os três filhos. Afirma que o verdadeiro espírito do natal é o amor entre os familiares e pessoas queridas.

Figura 43: IJ implorando para abrir os presentes de Natal.



Fonte: Cena do episódio Então é Natal.

IJ pergunta ao pai se o papai Noel chegará. Edson pega o filho no colo e se prepara para contar que o bom velhinho não existe. A fala é interrompida pela campainha da casa anunciando um visitante.

Ao abrir a porta Danuza se depara com a figura do papai Noel, ou como logo reconhece a mulher: seu irmão Valtinho. A personagem entra rápido na casa da irmã, pouco antes de fechar a porta é possível escutar as sirenes da polícia dos palhaços ao fundo. No episódio dá-se a entender que Valtinho está fugindo da força policial (fig. 44).

Figura 44: Valtinho chega na casa da irmã.



Fonte: Cena do episódio Então é Natal.

O personagem tira do saco vermelho do papai noel os presentes para os sobrinhos. IJ recebe um estojo com várias funcionalidades junto do manual gigantesco em japonês, parece estar decepcionado com o presente. Nico ganha um robô, e Jorel fica com o presente mais incrível: o super skate voador. As três crianças ficam impressionadas e animadas com o presente recebido por Jorel e esquecem dos seus. (Figura 45)

Figura 45: Os irmãos dão os presentes recebidos ao caçula.



Fonte: Cena do episódio Então é Natal.

Edson reclama de Valtinho, não concorda que o cunhado dê presentes para os filhos. O pai afirma que o natal não é sobre presentes, mas momento de reunião da família e pessoas que amamos.

Sentada assistindo televisão, Gigi grita para que o filho vá a seu encontro. Parecendo com medo e receoso, Valtinho vai cumprimentar a mãe e é questionado sobre seu presente. A personagem não estava preparada para a pergunta da mãe, improvisando vai até a estante de DVDs da sala e pega um filme do Steve Magal para presentear a mãe. É o “Natal Brutal com Steve Magal”. Feliz com o presente, Gigi permite que Valtinho durma no sofá da sala.

Valtinho está roncando no sofá da família, onde passou a noite, figura 46. A personagem utiliza um chapéu de bege na cabeça, provavelmente de palha — lembra os chapéus retratados no malandro carioca — regata azul e bermuda vermelha. É gordo e bonachão. Ao lado do sofá é possível identificar um telefone público, que se popularizou no Brasil nas décadas de 80 e 90 pelo nome de “orelhão” pois o formato lembrava de uma orelha.

Figura 46: Tio Valtinho dorme no sofá.



Fonte: Cena do episódio Então é Natal.

Valtinho acorda assustado com o barulho de IJ arrastando o skate voador no chão. Cabisbaixo, explica ao tio que todos os estabelecimentos estão fechados para comprar pilhas grandes e por isso não consegue voar com o skate.

O tio convence a personagem principal a assinar documentos. Com os papéis assinados, ele convence o sobrinho a brincar com o skate do lado de fora da casa, mesmo sem pilhas, pois seu bom coração será suficiente para o skate voar.

A cena vai para o telhado da casa onde IJ está se preparando para pegar impulso e voar com o skate. O plano não dá certo, e ele cai no meio do arbusto de espinhos no quintal (fig. 47).

Figura 47: IJ no skate voador.



Fonte: Cena do episódio Então é Natal.

No orelhão, Valtinho conversa com alguém sobre seu negócio de venda de brinquedos quebrados e informa que já tem a assinatura para viabilizar o negócio. Edson e Danuza chegam na sala, o cunhado grita o nome de Valtinho que se assusta.

De volta a casa da família, tio Valtinho é pressionado por Edson e Danuza para que conte a verdade a IJ: ele não é o papai noel e que os brinquedos dados estão com defeito. O tio fica recuado e não conta a criança. Edson é quem revela ao filho que Valtinho é o papai noel. A personagem principal entra em um transe assimilando a informação, até que sai correndo para fora de casa.

A cena corta para IJ no balanço do parquinho da escola enquanto as demais crianças o observam ansiosas. A personagem está com a cabeça abaixada, parece pensativo, levanta o rosto e anuncia que o papai noel é seu tio (fig 48). Os colegas ficam todos animados e saem aos gritos de “papai noel existe!” levando IJ no esquete nos braços. A multidão se encaminha até a casa da família. O aglomerado de pessoas chama a atenção de Rambozo que vai até a frente da casa para averiguar a situação.

Figura 48: IJ no parquinho com as demais crianças.



Fonte: Cena do episódio Então é Natal.

Pressionado a sair de casa, Valtinho recebe as crianças com os trajes do bom velhinho para delírio de todas. Os palhaços policiais tentam capturar o tio pois este não possui autorização para ser papai noel.

Papai Noel então sobe em cima do skate e sai voado por cima de todos para êxtase do público presente (Figura 49). O episódio finaliza com Valtinho desaparecendo no horizonte até formar uma estrela brilhante, Edson sentencia: “Ele está falando a verdade, o Valtinho tem um bom coração” (Então é Natal, minuto 10:36).

Figura 49: Tio Valtinho fugindo no skate voador.



Fonte: Cena do episódio Então é Natal.

No episódio é possível notar algumas características típicas brasileiras. A primeira delas é a comemoração do Natal e realização de ceia entre os familiares para celebração. A festividade tem origem cristã, celebra o nascimento de Jesus Cristo, e é uma das datas mais importantes para o catolicismo.

O Brasil é um país majoritariamente cristão, sendo 50% católico e 31% evangélica, segundo pesquisa do DataFolha de 2020²⁷. A religião católica chegou ao país junto dos colonizadores portugueses, que trouxeram também tradições e costumes incorporados pela sociedade brasileira.

No cardápio natalino brasileiro é comum serem servidas aves, comumente peru ou cheddar, como prato principal. Além da inclusão de uvas passas nos demais pratos, como farofa, arroz e saladas. No episódio Danuza extrapola o costume nacional e coloca passas em todos os pratos, até o peru não é uma ave mas sim sementes e passas.

Costumes comuns do natal brasileiro são retratados no episódio. A começar pelo título que faz referência a um clássico dos natais da década de 1990 e 2000, a música “Então é Natal” de Simone. A música é de 1995 e marcou uma geração devido ao estrondoso sucesso. Embora tenha vendido muitas cópias, a música que abre o disco 25 de dezembro foi alvo de reclamações do público brasileiro (Antunes, 2020), principalmente pelo tom melancólico em que a cantora indaga “Então é Natal / E o que você fez? / O ano termina / E começa outra vez”. (Simone, 1995, Então é Natal)

Perdigoto com terno branco em especial de natal na televisão faz referência clara ao Especial de Natal do Roberto Carlos. O programa faz parte do natal dos brasileiros há mais de 40 anos, teve sua primeira exibição no Natal de 1974 ²⁸tornando-se uma tradição do natal nacional.

Além disso, o próprio tio estar caracterizado como papai noel é um costume muito comum nas famílias brasileiras. Em que um familiar encarna o bom velhinho para distribuir os presentes aos demais, sobretudo para os pequenos.

Valtinho tem características do malandro brasileiro, ou como definiu Holanda (1995), o homem cordial. A personagem chega na celebração fugindo dos palhaços militares devido

²⁷ Segundo notícia do Portal G1. Fonte disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/13/50percent-dos-brasileiros-sao-catolicos-31percent-evangelicos-e-10percent-nao-tem-religiao-diz-datafolha.ghtml>. Acessado em 17/08/2023.

²⁸ Fonte disponível em: <https://www.ombrelo.com.br/entretenimento/ha-44-anos-roberto-carlos-especial-e-garantia-no-natal/>. Acessado em 17/08/2023.

ao contrabando de brinquedos quebrados. Através do jeitinho brasileiro, Valtinho pretende repassar os brinquedos e ainda lucrar com isso.

Apesar disso, se mostra adorado pelos sobrinhos e demais crianças, é no fundo um sujeito simpático e querido pelos entes. Percebe-se na caracterização de Valtinho aspectos típicos do homem cordial brasileiro definido por Holanda (1995). A simpatia nas relações sociais e a tentativa de manobrar regras e leis para benefício próprio. Este último é identificado no tio no momento em que a personagem faz o neto mais novo, ainda criança, assinar papéis para viabilizar o negócio de venda de brinquedos quebrados.

6.3 ANÁLISE EPISÓDIO “EM BUSCA DA LIBERDADE”

“Em busca da liberdade” é o vigésimo segundo episódio da segunda temporada de "Irmão do Jorel" e foi exibido no dia quatro de setembro de 2017 no *Cartoon Network*.

Na primeira cena, o personagem principal está na calçada da casa acompanhado de Lara. IJ está brincando com uma pulseira que se fecha sozinha em seu braço enquanto a amiga observa o céu, os dois conversam. O menino se junta à melhor amiga no chão, e as duas crianças debatem sobre o formato das nuvens entrando em discordância em alguns momentos a respeito do formato que identificam. (Figura 50)

Figura 50: Lara e Ij conversando deitados na calçada



Fonte: Cena do episódio Em Busca de Liberdade.

Edson está sentado na mesa de bilhar da família lendo o jornal quando subitamente começa a olhar para os lados intrigado. Chama a mulher e questiona-a: “Você ouviu alguém me criticar hoje? Alguma reclamação?” (Em Busca de Liberdade, 1min 18s). Com a negativa da esposa, vai então procurar sua mãe, Juju, e a sogra Gigi. O casal então descobre um bilhete

na geladeira assinado pelas senhoras com a seguinte mensagem: “Vamos cruzar o deserto em busca de liberdade”(Em Busca de Liberdade, 1min 35s a 1min 38s)

Na próxima cena, as avós estão dentro de um carro, Gigi está ao volante. Juju utiliza óculos com uma lente vermelha e a outra azul — semelhante aos óculos que vinham em DVDs de filmes 3D no início dos anos 2000. As idosas estão na garagem da família, prestes a sair da casa.

IJ e Lara ainda conversam, no céu aparecem nuvens com formato dos dois personagens que se afastam uma da outra. O fusca das idosas freia ao lado da calçada bem no momento em que a menina vai contar uma notícia importante ao melhor amigo. A criança é interrompida por Gigi que convida o neto para ir comprar um Sprok Maça para eles. Um pouco relutante, a criança entra no carro e segue com as avós, Lara fica rindo na calçada (fig. 51).

Figura 51: IJ entrando no fusca com as avós



Fonte: Cena do episódio Em Busca de Liberdade.

Assim que o carro dispara, Lara grita para IJ “Não deixa ninguém saber que você partiu em busca da liberdade com suas avós Irmão do Jorel” chamando a atenção do policial Rambozo que estava com a viatura estacionada na rua, figura 52. Com isso, o policial começa a perseguir o carro do trio já que sair em busca da liberdade é contra a lei.

Figura 52: Rambozo observando o trio na viatura.



Fonte: Cena do episódio Em Busca de Liberdade.

A primeira parada da comitiva é no Armazém do Seu Adelino, o Adelino 's, para comprar refrigerantes Sprok Maçã, figura 53. Todavia, o comerciante não possui troco para devolver ao IJ, quem foi fazer as compras para as avós, sugerindo à criança devolver o troco em balas²⁹. IJ aceitou de bate e pronto, ficando muito feliz com a quantidade de doces que recebeu, figura 54.

Figura 53: IJ aparece comprando Sprok Maçã com uma nota de cinquenta reais.



Fonte: Cena do episódio Em Busca de Liberdade.

²⁹ O troco de mercadorias em balas foi uma prática muito comum de comércios brasileiros até o início dos anos 2000. A prática era utilizada toda vez que o cliente pagava em dinheiro e os estabelecimentos comerciais na falta de moedas davam o troco dos centavos em bala. A prática não era muito apreciada por muitos dos consumidores, e começou a cair em desuso no momento que cartões de débito e crédito se popularizaram no país.

Figura 54: IJ recebendo alegremente o troco em balas vermelhas.

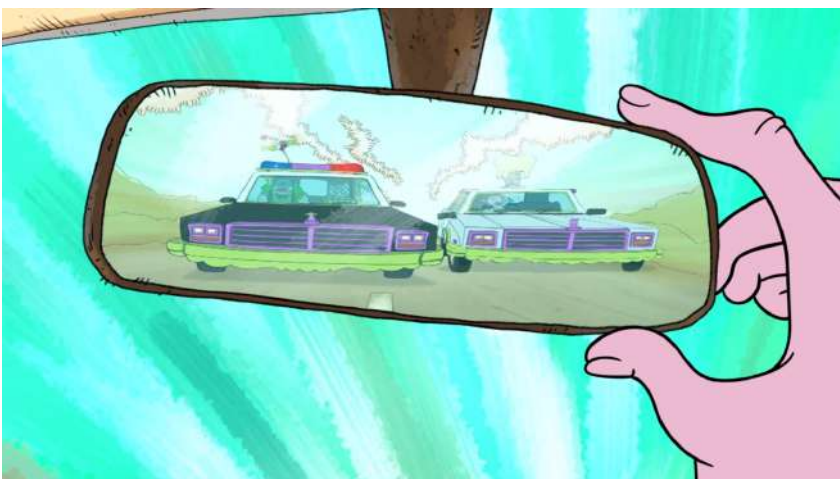


Fonte: Cena do episódio Em Busca de Liberdade.

De tocaia, o policial observa as idosas no carro esperando IJ voltar munido das três bebidas e doces. O palhaço policial utiliza a rádio da viatura para entrar em contato com a base de comando e informa que duas idosas acompanhadas de uma criança idosa roubaram refrigerantes e balas de um comércio. Rambozo termina a cena dizendo “Refrigerante e balas. Isso é péssimo para os dentes”. Começa assim a perseguição policial.

De volta a estrada, Gigi observa pelo espelho retrovisor Rambozo e o dentista perseguirem o carro (Figura 55).

Figura 55: Gigi observa a perseguição pelo retrovisor.



Fonte: Cena do episódio Em Busca de Liberdade.

Assim que percebem que estão sendo seguidas, os três personagens colocam lenços no pescoço “pois só se é livre quando você tem um lenço amarrado no pescoço.”(Em Busca de

Liberdade, 4min 51s) Gigi, que está dirigindo, segue em velocidade máxima fugindo de Rambozo e do dentista. Na cena, a idosa ainda revela não gostar dos palhaços militares.

Figura 56: Vovó Juju colocando lenço em IJ.



Fonte: Cena do episódio Em Busca de Liberdade.

Na casa da família, Edson está apreensivo com o sumiço das duas senhoras e está determinado a esperá-las no sofá. O ativista arrastou o móvel para o lado do telefone público da casa — já descrito na análise do episódio “Então é Natal” — e aguarda ansioso por notícias das duas ao lado de Jorel e Nico que estão jogando vídeo-game na televisão da família, figura 57.

Figura 57: Edson esperando ao lado do telefone público.



Fonte: Cena do episódio Em Busca de Liberdade.

A perseguição continua, percebemos no episódio que a noite cai. O trio está escondido às margens da rodovia enquanto Rambozo e o dentista os procuram.

A cena passa para Wonderlay com roupa de frentista no posto de gasolina da cidade, figura 58. O personagem está escutando rádio quando começa a vinheta de abertura do jornal. Perdigoto é quem dá a notícia de que duas idosas e uma “criança fingindo ser uma idosa” estão sendo perseguidas após roubarem refrigerantes e balas de um comerciante. Em poucos momentos chega a comitiva ao posto de gasolina, deixando Wonderlay apavorado.

Figura 58: Wonderlay trabalhando no posto de gasolina.



Fonte: Cena do episódio Em Busca de Liberdade.

No posto, Gigi descobre que o neto aceitou o troco em balas. Com medo, Wonderlay se afoga com o suco na caixinha que estava bebendo. Vovó Juju pede para que o frentista levante os braços a fim de ajudá-lo a desengasgar— evocando costume antigo do Brasil de erguer os braços e bater nas costas da pessoa que está se afogando a fim de ajudá-la a respirar novamente — o frentista por outro lado, tem certeza que está sendo rendido pela idosa e levanta os braços em sinal de rendição, figura 59.

Figura 59: Wonderlay sendo rendido por Vovó Juju.



Fonte: Cena do episódio Em Busca de Liberdade.

Diante da situação, sem poder pagar o frentista, Gigi dispara: “paga em balas!” Nesse momento Wonderlay está apavorado e tem certeza que vai morrer. A cena fica alternando entre o frentista e o trio, trazendo tensão e comicidade pois o frentista tem certeza que será assaltado pelo bando.

Após toda a perseguição entre o policial Rambozo e as três personagens principais, finalmente chegam à Liberdade, que nada mais é que um ‘atacarejo³⁰’. Onde é vendido o produto de polir cerâmicas Liberdade.(Figura 60) Ao chegarem no destino final Vovó Gigi dispara: “Aqui o preço é melhor, acaba compensando”. Enquanto Rambozo continua a perseguição do carro, e pouco antes das idosas estacionarem no supermercado, segue reto na via e cai em um precipício (Figura 61).

Figura 60: Os três personagens chegando no atacarejo.



Fonte: Cena do episódio Em Busca de Liberdade.

Figura 61: Viatura de Rambozo no precipício



Fonte: Cena do episódio Em Busca de Liberdade.

³⁰ "Atacarejo" é a junção dos termos atacado e varejo. É utilizado para denominar supermercados que vendem em grande quantidade, para atacado, e também para público geral, sem quantidade mínima de preço. É um estabelecimento que costuma ter preços melhores que os demais supermercados, e esse pode ser considerado um dos motivos desse tipo de supermercado ser tão popular no Brasil.

O episódio trabalha bem cenas de perseguição entre as três personagens e o policial Ramboso, trazendo adrenalina e dinamismo. Conta ainda com quebra de expectativa através da piada com o costume de receber troco em balas, e a violência urbana.

Aborda ainda, a predileção brasileira pelos supermercados do tipo ‘atacarejo’ devido aos preços mais baixos. O trio realiza uma verdadeira odisseia digna de filmes de ação apenas para comprar um produto de lustrar cerâmicas, trazendo comicidade ao episódio pois trata-se de uma atividade comum da rotina e quebra a expectativa inicial, pois com a premissa geral de que as avós e IJ fossem criminosos.

Estão presentes também referências da cultura pop, como o carro da família é um fusca branco com detalhes em linhas vermelhas lembrando o carro do filme Herb (2005), como é possível observar na figura 60.

O costume de receber o troco em balas foi uma prática brasileira muito comum até o início dos anos 2000, antes da popularização dos cartões de débito e crédito no país. Percebe-se logo a proximidade com costumes típicos do Brasil de uma determinada época.

A abertura do programa de rádio que Wonderlay escuta durante o trabalho é semelhante ao utilizado pelo Plantão da Globo³¹. A vinheta tornou-se característica durante os anos 2000 e foi responsável por deixar a população tensa pois está associada a notícias ruins e eventos traumáticos. Temos então mais uma referência clara ao cotidiano do brasileiro na animação.

Um espectador de fora da cultura, que não partilha os mesmos mapas mentais, provavelmente não entenda o sentimento gerado pela abertura do programa de rádio como é causado em brasileiros da década que viveram as décadas de 1990 e 2000 no país. Por ser apenas um detalhe do episódio, o entendimento geral da história não é afetado, é possível compreender que a vinheta no rádio indica a abertura de um programa jornalístico urgente.

6.4 ANÁLISE GERAL

Além dos episódios analisados, é possível identificar elementos da cultura brasileira em vários momentos do seriado ao longo das três temporadas analisadas no presente trabalho. É possível identificar características típicas dos ambientes e casas brasileiras no desenho dos cenários.

³¹ A vinheta do Plantão da Globo começou a ser utilizada em 1991. O informativo era utilizado para dar notícias urgentes que paravam a programação normal do canal. Vinheta disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NP5ATGGi53U>.
Fonte: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/como-foi-criada-temida-vinheta-do-plantao-da-globo-conheca-historia-36360>. Último acesso em 15/08/2023 .

Em algumas cenas da cozinha da família é possível identificar um botijão de gás de treze litros ao lado do fogão na cozinha da família. Os muros com desenhos e grafites da escola Pônei Mágico, figura 62, são bem comuns em muitas escolas brasileiras, que muitas vezes convidam os próprios alunos e comunidade escolar para pintar os muros. É possível identificar alguns personagens do folclore nacional como Curupira ao lado esquerdo do portão, e o Boto Cor-de-Rosa e Saci Pererê do lado direito. Por fim, é possível identificar uma capivara — animal presente em várias regiões do Brasil — na extremidade direita do muro.

Em entrevista à Super Interessante (D'Angelo 2016), Enrico justificou os desenhos nos muros por serem comuns nas escolas brasileiras. Segundo ele, uma criança estrangeira irá entender a organização da escola, mas os grafites no muro podem ser uma informação nova do que estão habituados.

Figura 62: Vista externa da escola Pônei Encantado.



Fonte: Comunidade de fãs de Irmão do Jorel ³²

A construção das personagens na animação é muitas vezes utiliza-se de elementos da cultura brasileira e universal, como é o caso da personagem Ana Catarina que possui uma pinta como a apresentadora Angélica, Seu Edson jovem na peça de teatro em que nota-se a inspiração nos figurinos utilizados por Ney Matogrosso, figura 63.

³² Disponível em: https://irmaodojorel.fandom.com/pt-br/wiki/Irm%C3%A3o_do_Jorel_Wiki. Último acesso em: 16 de Agosto de 2023.

Figura 63: Edson com figurino de show.



Fonte: Cena do episódio Os Incríveis Lateenagers

Percebe-se também referências a programas de entretenimento comuns e presentes no imaginário do brasileiro como aos programas “Casos de Família” do canal SBT, em que casos familiares estranhos, muitas vezes armados, eram discutidos no auditório do programa. Na animação, no episódio “MC Juju” da segunda temporada, o personagem principal é levado para o meio do programa de auditório com sua família para tratar problemas familiares, a pauta é “Meu neto acha que avó canta Rap”. Quem comanda o programa “Terapia de Família” é Roberto Perdigoto, figura 64.

Figura 63: Perdigoto apresentando programa televisivo Terapia de Família.



Fonte: Cena do episódio MC Juju.

Enquanto o segundo apareceu no episódio especial de Natal da segunda temporada em que Perdigoto está com terno branco e microfone cantando músicas natalinas em programa de

televisão. Fazendo assim uma alusão ao especial de Natal do Roberto Carlos na Globo (Figura 41).

O apelo ao contexto de exibição original – o próprio Brasil – é uma estratégia recorrente de propaganda de série, que também tem a participação de figuras brasileiras de sucesso público, como o cantor Emicida (“MC Juju”, “Jardim da pesada”). Desse modo, a série tem elementos particulares e locais, usados como justificativa de seu sucesso na América Latina, em especial. Esses traços são associados também a elementos da cultura internacionalizada, formando a identidade dialógica da série. (ANTUNES, P. 44, 2019)

Dessa forma, faz visível a representação do Brasil e sua cultura em *Irmão do Jorel*. Seja na caracterização dos personagens, na ambientação dos cenários ou no enredo das histórias. A representação desde programas de auditório comuns no país, até características próprias da cultura brasileira é o que dá graça à história. O diálogo constantemente com outros produtos culturais torna a série única, e um dos prováveis motivos para seu sucesso. Sendo assim, é possível identificar em *Irmão do Jorel* situações comuns aos brasileiros das décadas de 1980 e 1990— período em que a história acontece.

7 CONCLUSÃO

O presente trabalho buscou analisar a animação nacional *Irmão do Jorel* para identificar elementos típicos da cultura brasileira presentes nos episódios. Para isso buscou-se reconstruir o cenário brasileiro de animação para entender o caminho trilhado até desembocar no maior sucesso nacional do canal pago *Cartoon Network* — como já abordado no capítulo três deste presente trabalho.

O interesse pelo objeto de estudo surgiu devido à grande identificação que tenho pela animação e principalmente pela proximidade que sentia ao assistir os episódios e ver retratada na telinha situações que também faziam parte do meu cotidiano, como ter a escola com os muros pichados ou separar as uvas passas do restante da comida durante a ceia de Natal.

Através dos conceitos de Cultura de Hall busquei entender como os elementos típicos da nossa cultura são compartilhados e compreendidos pelos sujeitos. Os conceitos de Hall (2003, 2016) ainda me ajudaram a compreender como a Cultura e Identidade Nacional estão sendo alteradas nas últimas décadas, e como isso também se reflete nos produtos culturais atuais.

Foi necessário também buscar entender a formação do sujeito brasileiro, — a parte mais difícil deste trabalho — da sociedade e da Cultura brasileira. O entendimento do que é a Cultura Brasileira, e como ela se formou, foi importante para analisar os episódios sob a ótica da cultura brasileira. Para isso, foram utilizadas as definições dos autores Sérgio Buarque de Holanda (1995) e Marilena Chauí (2000).

Na análise, foi possível identificar elementos típicos do cotidiano e da cultura do Brasil. Com uma dose de humor e piadas de duplo sentido, a série apresenta os hábitos dos brasileiros e costumes típicos de nossa cultura, seja na relação entre os personagens ou na construção dos cenários e na representação de costumes do dia a dia.

A série ainda trabalha com referências da cultura popular do país, como programas de auditório da TV presentes no imaginário do brasileiro do final do século passado. É o caso das inspirações ao Especial de Natal do Roberto Carlos, e a vinheta do Plantão de Notícias da Tv Globo presentes nos episódios analisados. Os produtos culturais representados nos episódios

são também um importante indício dos costumes de uma determinada localidade, nos fornecem dados sobre os hábitos e preferências da população.

As comemorações de datas típicas são uma importante fonte de análise, e revelam características cruciais da nossa cultura, como a origem da festividade e quais são as atividades realizadas nessas celebrações. As comemorações de Natal e a Festa Junina analisadas nos episódios, demonstram costumes típicos do brasileiro. Seja na formação da nossa sociedade, como é o caso do homem-cordial de Holanda (1995) representado por Valtinho, ou na demonstração de costume como o de colocar uvas passas nos pratos servidos na Ceia — para depois retirá-las da comida.

Conforme afirmado pelo criador, a série foi pensada para ser consumida por uma pessoa independente da nacionalidade, todavia, a história narra uma família brasileira durante o final do século passado. Através de situações rotineiras e do cotidiano, a animação revela hábitos dos brasileiros, como o costume de receber o troco em moedas e de fazer compras em supermercados populares de preço baixo; o gosto por festas populares e eventos sociais; os hábitos presentes na cozinha.

Um ponto interessante de notar é a preocupação com a explicação de pontos centrais das histórias ao público que desconhece aspectos importantes da cultura brasileira, mas detalhes e piadas de duplo sentido podem passar despercebidas ao sujeito de fora. Observa-se isso no episódio “Em Busca da Liberdade”, não é explicado a respeito do costume de dar o troco em balas, um hábito típico do Brasil até início dos anos 2000. Embora não afete no entendimento geral, uma parte considerável da graça da história se baseia justamente no jogo de duplo sentido das duas expressões que se perdem caso não se tenha conhecimento a respeito deste hábito.

O personagem Coco Mágico faz esse papel de explicar aspectos típicos da cultura brasileira que podem não ser entendidos pelo público. No episódio “Meu Segundo Amor”, analisado no capítulo três, a criatura fornece explicações a respeito da Festa Junina e das atividades realizadas durante o evento. Percebe-se também uma preocupação dos criadores da

série em fazer um produto global e que possa ser consumido por pessoas de diferentes nacionalidades.

Considerando o enorme sucesso de Irmão do Jorel e sua exibição em outros países além do Brasil, os prêmios recebidos pela animação — citados no capítulo 3 do presente trabalho — é possível concluir que a animação pode ser compreendida por qualquer pessoa. Irmão do Jorel consegue reunir em seus episódios tanto características típicas da cultura brasileira, como referências universais facilmente entendidas pelo amplo público.

Associado com os escritos Hall (2003) defende sobre as identidades nacionais estarem sendo descentralizadas e sofrendo alterações externas de outras culturas. Com as fronteiras cada vez mais permeáveis, permitindo a interação de culturas diferentes, mostra-se ainda mais necessário que as produções culturais também apresentem caráter universal para serem entendidas.

Irmão do Jorel fixa um marco importante para a animação nacional ao fazer estrondoso sucesso entre o público, demonstra que histórias brasileiras, caracterização do nosso povo e costumes são sim interessantes e geram curiosidade do público — inclusive estrangeiro. No seriado são trabalhados pontos importantes da sociedade e história do Brasil, e podem servir inclusive como forma de análise e entendimento de aspectos da cultura e história brasileira.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Cleonice Alves de Castro. **Cultura e identidade brasileiras na animação: um estudo sobre Irmão do Jorel**. 2019. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2019. Disponível em: <https://www.locus.ufv.br/bitstream/123456789/28304/1/texto%20completo.pdf>. Acesso em 03 ago. 2023.
- ARRUDAS, MARIANA. Irmão do Jorel atinge marca dos 100 episódios e tem retorno de Emicida. **Portal O tempo**, [Belo Horizonte], 03 fev. 2022. Super Notícias. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/super-noticia/tr%C3%A2nsito/irmao-do-jorel-atinge-marca-dos-100-episodios-e-tem-retorno-de-emicida-1.2607102>. Acesso em: 30/05/2023.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- BRASIL. Lei nº 12.485, de 12 de setembro de 2007. Dispõe sobre a comunicação audiovisual de acesso condicionado [...]. In: Brasília: **Diário Oficial da União**, 12 set. 2011. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/112485.htm Acesso em: 02/04/2023.
- BUCCINI, Marcos. Cem Anos da Animação Brasileira. **Revista Continente**. 02 out. 2017. Disponível em: <https://revistacontinente.com.br/edicoes/202/cem-anos-da-animacao-brasileira>. Acesso em 17/08/2023.
- CARDOSO, Joyce; MATOS, Julia. **Representação da identidade brasileira através do desenho animado Irmão do Jorel**. **RELACult**: Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade, Foz do Iguaçu, v. 5, edição especial, artigo 1340, abr. 2019. Disponível em: <https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/1340/747>. Acesso em 04 ago. 2023.
- CHAUÍ, Marilena. **Brasil: Mito Fundador e Sociedade Autoritária** [S. l.]: Fundação Perseu Abramo, 2000.
- COM OUSADIA e novas linguagens, 'Irmão do Jorel' celebra episódio 100. **Portal O Tempo**, [Belo Horizonte], 11 fev. 2022. Entretenimento. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/entretenimento/com-ousadia-e-novas-linguagens-irmao-do-jorel-celebra-episodio-100-1.2611329>. Acesso em: 30 julho 2023.
- CRUZ, Théa Perreira da. **Irmão do Jorel como expressão do imaginário**. 2018, Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2019.
- D'ANGELO, Helô. Batemos um papo com Juliano Enrico, criador do 'Irmão do Jorel'. **Super Interessante Digital**, São Paulo, 09 set. 2016. Cultura. Disponível em: <https://super.abril.com.br/cultura/batemos-um-papo-com-juliano-enrico-criador-do-irmao-do-jorel/> Acesso em: 17 jul. 2023.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**. 42. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

FIORIN, José Luiz. A construção da identidade nacional brasileira. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 115-126, 1.sem. 2009.

GOMES, Ana Lucia. **Séries de TV, produção independente e desenhos do imaginário no Brasil**. In: SIMPÓSIO EM TECNOLOGIAS DIGITAIS E SOCIABILIDADE. PERFORMANCES INTERACIONAIS E MEDIAÇÕES SOCIOTÉCNICAS, 2013, Salvador. Anais [...]. Salvador: UFBA, 2013. Disponível em: http://gitsufba.net/anais/wp-content/uploads/2013/09/13n3_series_49523.pdf. Acesso em: 04 maio 2023.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2016.

HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

INÉDITO na TV aberta, Irmão do Jorel estreia na TV Cultura. **Uol**, São Paulo, 27 mar. 2020. Cultura. Disponível em: https://cultura.uol.com.br/noticias/1157_inedito-na-tv-aberta-irmao-do-jorel-estreia-na-tv-cultura.html Acesso em: 03 abr. 2023.

IRMÃO do Jorel, abacate e a infância brasileira nos desenhos ft Juliano Enrico. Publicado no canal mikannn, 2018. 1 vídeo do Youtube (12 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dnyVPqOdLQU>. Acesso em: 26 jul. 2023.

LUZ, Anima, Ação. Roteiro e direção: Eduardo Calvet. Produção: Felipe Haurelhuk. São Paulo: Fina Flor Venda e Distribuição, 2013. 1 filme-documentário (200 min).

MALACARNE, Juliana. Especial de Natal do Irmão do Jorel traz comemoração bem brasileira para as telinhas. **Revista Crescer Digital**, Rio de Janeiro, 19 dez. 2022. Filmes e TV. Disponível em: <https://revistacrescer.globo.com/entretenimento/filmes-e-tv/noticia/2022/12/especial-de-natal-do-irmao-do-jorel-traz-comemoracao-bem-brasileira-para-as-telinhas.ghtml>. Acesso em: em 29 maio 2023.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.

MOTTA, Bruna. Desenho brasileiro Irmão do Jorel é um dos indicados ao Emmy Kids. **Veja Digital**, São Paulo, 15 out. 2019. Cultura. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/cultura/desenho-brasileiro-irmao-do-jorel-e-um-dos-indicados-ao-emmy-kids>. Acesso em: em 29 junho 2023.

NOVAES, João. Hoje na história: 1908, primeira animação da história, Fantasmagorie estreia no cinema. **Operamundi**, São Paulo, 17 ago. 2021. Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/hoje-na-historia/30647/hoje-na-historia-1908-primeira-animacao-da-historia-fantasmagorie-estreia-no-cinema#:~:text=Em%2017%20de%20agosto%20de,primeiro%20desenho%20animado%20da%20hist%C3%B3ria>. Acesso em: 04 agosto 2023.

REZENDE, Tarcila. Juliano Enrico fala ao Correio sobre o processo criativo de Irmão do Jorel. **Correio Braziliense**, Brasília, 25 abr. 2019. Diversão e Arte. Disponível em: https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2019/04/25/interna_diversao_arte,751334/juliano-enrico-fala-ao-correio-sobre-processo-criativo-de-irmao-do-jo.shtml. Acesso em: 29 maio 2023.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós humano: da cultura das mídias à cibercultura** / Lucia Santaella; [coordenação Valdir José de Castro]. — São Paulo : Paulus, 2003.

SILVA, Daniel Neves. "Origem da festa junina"; **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/detalhes-festa-junina/origem-festa-junina.htm> . Acesso em 16 de agosto de 2023.

SOUSA, Camila. Irmão do Jorel vence prêmio espanhol de melhor animação ibero-americana. **Omelete**, São Paulo, 11 abr. 2019. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/series-tv/irmao-do-jorel-vence-premio-espanhol-de-melhor-animacao-ibero-americana> Acesso em: 03 abr. 2023.

WIKI Irmão do Jorel. *In*: **Fandom powered by Wikia**, [2014?]. Disponível em: https://irmaodojorel.fandom.com/pt-br/wiki/Irm%C3%A3o_do_Jorel. Acesso 09 jun. 2023.